DR. MANOEL ESPERIDIÃO DA COSTA MARQUES
FALLECEO A 18 DE ABRIL DE 1906
QUANDO ARROJADAMENTE PROCEDIA A EXPLORAÇÃO
DE UMA PROMETTEDORA REGIÃO DE SUA
TERRA NATAL

# Região Occidental de Matto Grosso

## Viagem e estudos sobre o Valle do Baixo Guaporé

Da cidade de Matto Grosso ao
Forte do Principe da Beira

PELO

**Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques**

1906

**A seguir:**

Projectos de vias de communicação.
Exploração do Alto Guaporé e dos rios Jaurú, Aguapehy e Alegre.
Do mesmo auctor
**1899**

RIO DE JANEIRO
Typ. e Pap. Hildebrandt—r. Ourives, 8

1908

# Introducção

Tendo deixado o Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques, fallecido na velha e decadente cidade de Matto Grosso, antiga Villa Bella, no dia 18 de Abril de 1906, quando regressava de sua viagem ao Baixo Guaporé—alguns apontamentos, notas e narrativas sobre o importante valle desse magestoso rio, sobre a sua exhuberante riqueza, sobre a sua civilisação, industria, commercio, população civilisada e indigena, seus usos e costumes—o que tudo parece-me de muita importancia para a historia e conhecimento dessa rica zona que demora no extremo occidental do Brazil, em seus limites com a Bolivia, circumstancia que lhe dá até importancia internacional—julguei conveniente dar á publicidade esses documentos que, com toda fidelidade, procurei reunir e ordenar ; e tal era o intuito do seu auctor que tel-o-hia já feito com maior desenvolvimento e clareza, se não fosse sorprehendido pela morte.

Antes, porém, de entrar no assumpto, sejam-me permittidas algumas palavras a respeito do illustre morto, justa e pallida homenagem á memoria de quem tantos serviços prestou ao seu torrão natal e ao paiz e que fôra o prototypo do homem virtuoso e trabalhador.

* * *

Nascêra o Dr. Manoel Espiridião da Costa Marques na pequena cidade de Poconé, no Estado de Matto Grosso, no anno de 1859.

Era filho do finado Tenente-Coronel Salvador da Costa Marques e de D. Augusta Nunes Roudão Marques, descendentes de uma das mais numerosas e importantes familias do Estado.

Em 1873, contando apenas 14 annos de edade, seus paes mandaram-n'o para o Rio, afim de estudar.

Concluidos os estudos de preparatorio no Collegio Kopke, matriculou-se na Escola de Minas de Ouro Preto e, no anno de 1882, recebeu o gráo de Engenheiro de minas, tendo sido sempre considerado como um dos mais distinctos dentre os seus collegas. Regressando ao Estado de Matto Grosso e após curta permanencia em Cuyabá, onde collaborou na fundação de um Externato e fez parte do seu corpo docente—foi o Dr. Manoel Esperidião estabelecer a sua residencia na pittoresca cidadella de São Luiz de Cáceres, onde casou-se na familia Pereira Leite e, entrando para a politica, filiou-se ao partido conservador. Foi eleito deputado geral no ministerio João Alfredo, fez parte da mesa da Camara e trabalhou na confecção da lei 13 de Maio, que aboliu o elemento servil.

Por mais de uma vez foi eleito deputado provincial e tomou parte nos trabalhos da respectiva assembléa; e, sem duvida teria sido eleito presidente do Estado de Matto Grosso, na presente situação, si a morte não o arrebatasse dentre os vivos, pois tal era o desejo dos principaes chefes politicos do Estado. E se antes não occupou elevadas posições no governo do Estado, foi porque tinha se filiado ao partido da opposição desde que se proclamou a Republica e não ser elle homem capaz de ceder ao que lhe parecia uma transigencia partidaria.

* * *

Compellido pelo desejo de completar os estudos que em 1898 havia iniciado sobre o valle do Guaporé e de desvendar aos contemporaneos, após seculos de abandono e esquecimento, as extraordinarias riquezas daquella zona que já outr'ora tanto florecêra—o Dr. Manoel Esperidião não vacillou em acceitar o convite que lhe dirigiu o Sr. Balbino Maciel para ir medir os seringaes que o Estado lhe havia concedido á margem do Guaporé, desde a foz do Corumbiára até o rio Lamego, nas proximidades do forte do Principe da Beira.

Assim é que, em principio do mez de Outubro de 1906 e não obstante a contrariedade da sua familia, dominada pelo justo receio que lhe inspirava uma viagem por tão inhospitas regiões, o Dr. Manoel Esperidião partiu de Cáceres para a velha cidade de Matto Grosso, demorando-se alguns dias no porto do Salitre, hoje porto Esperidião, no rio Jaurú, afim de auxiliar o Sr. Balbino Maciel na inauguração do locomovel destinado ao trajecto deste porto ao da Ponte Velha, no Guaporé, cuja estrada tinha sido elle quem preparou. Feita a inauguração da estrada e tendo chegado com o locomovel e alguns wagões carregados de mercadorias ao porto da Ponte Velha, seguiu para Matto Grosso e d'ali desceu pelo Guaporé, cujas margens e tributarios foi estudando até o forte do Principe da Beira, justamente na época das grandes innundações, em que mais frequentes são ali as febres de máo caracter.

E' que o Dr. Esperidião tinha demasiada confiança na sua robustez e no vigor de sua saude, e verdadeira predilecção pelos estudos daquella natureza de tão afamada historia e onde realmente tudo encanta e maravilha os cultores da sciencia.

* * *

Já em 1898, a convite do mesmo Sr. Balbino Maciel, elle estudou as condições de navegabilidade do rio Jaurú desde a sua juncção com o Paraguay até o porto do Registro e abriu uma estrada de rodagem, ligando o porto do Salitre, hoje porto Esperidião, no Jaurú, ao rio Guaporé, no logar denominado Ponte Velha, assim chamado porque nesse logar havia uma ponte que os indios queimaram. Acha-se este sitio a 14 leguas mais ou menos da cidade de Matto Grosso e a 20 e poucas do Porto Esperidião e ahi se atravessa o Guaporé para se ir á cidade. Este rio, nesta secção do seu longo percurso, fórma uma grande curvatura. Descendo das vertentes da Serra dos Paricis, corre em direcção ao sul até a Ponte Velha e dahi vai tomando rumo do Poente e depois segue para o Norte e vai unir-se ao Mamoré, banhando a velha cidade de Matto Grosso em frente á Serra de Ricardo Franco.

* * *

Aberta a estrada de rodagem ligando os dois indicados pontos e numa extensão de cento e poucos kilometros, o Dr. Esperidião transportou-se com os seus companheiros para a cidade, onde devia preparar-se para explorar o Alto Guaporé desde a cidade de Matto Grosso até a Ponte Velha. Com effeito, depois de tres dias de preparativos e com os recursos que poude encontrar na pequena povoação, no dia 5 de Outubro de 1898, embarcados numa galeota, seguida por duas montarias destinadas ás sondagens e pesquizas, o Dr. Esperidião e mais treze companheiros deixaram a velha cidade e seguiram pelo rio Guaporé acima, ficando a população de Matto Grosso tomada de espanto e admiração ante tanta coragem e ousadia, pois entre essa gente corriam as mais extravagantes e pavorosas lendas a respeito dessas paragens, que lhe eram desconhecidas e que dentre ella ninguem se havia até então ousado explorar.

* * *

Com nove dias de penosissima viagem, passando noites sem dormir e sobre agua, encontrando a cada passo o leito do rio, que nesta secção é muito estreito e profundo, obstruido por enormes troncos de arvores ou palmeiras ou quasi totalmente coberto de camalotes que ali se formam, porque são quasi mortas as suas aguas em consequencia da grande depressão do terreno naquella zona, o que dá logar á formação de extensos banhados e bréjos por ambas as margens, quiçá causa do paludismo reinante na povoação — o Dr. Manoel Esperidião e todos os seus companheiros chegaram á Ponte velha e, tendo percorrido mais algumas voltas do rio acima desta paragem, regressaram á velha cidade que festivamente os recebeu, no dia 18 de Outubro de 1898.

Estava feita a exploração do Alto-Guaporé e d'ora avante, removidas as primeiras difficuldades e dissipado o terror que tal viagem inspirava, franco estava o caminho ás pequenas embarcações que logo depois o navegaram frequentemente.

Sobre estas viagens e estudos, publicou o Dr. Esperidião um relatorio em que descreve a riqueza da zona percorrida, as condições de navegabilidade dos rios Guaporé, Jaurú e Alegre, demonstra a facilidade do estabelecimento de vias-ferreas, indica os melhoramentos que devem ser feitos nesses rios, orça a despeza com esses serviços e lembra as vantagens do resurgimento da cidade de Matto Grosso, o verdadeiro coração da America Meridional, na phrase do Dr. João Severiano da Fonseca, « vivificado por essas duas arterias sem rivaes no mundo, o rei dos rios, o rio-mar e o Prata. »

Contendo esse relatorio bem minuciosas noticias, informações e estudos dos diversos rios e zonas então visitadas pelo Dr. Esperidião e já se achando esgotada a edição, julgamos conveniente reunil-o a estas memorias, constituindo assim a sua 2.ª parte.

* * *

Voltemos ao Baixo-Guaporé.

Terminados os trabalhos de medição e demarcação dos seringaes do Sr. B. Maciel e os seus estudos sobre esta importante secção do rio Guaporé, sem que nada houvesse soffrido até então e tendo por vezes salvo os seus companheiros, que foram atacados pela terrivel febre que nessa época já grassava com intensidade e até praças do exercito que tinham ido ao Forte do Principe da Beira, sob o commando do 2º Tenente Plinio Mario de Carvalho, que tambem esteve á morte e foi por elle tratado — o Dr. Manoel Esperidião, cheio de contentamento por haver realizado os seus desejos e de saudades por abraçar os seus filhos, aos quaes santo amor votava, após seis mezes de ausencia por aquellas ingratas paragens, partiu do barracão Santo Antonio, proximo da barra de S. Miguel com o Guaporé e de propriedade do Sr. Balbino Maciel, em dias de Março, embarcado em um botelão que vinha á reboque de uma lancha a vapor da casa allemã Woss Sttoffen & C. de Corumbá, em regresso ao seio da familia que não menos saudosa o esperava.

Dois dias depois da partida, sentiu elle os primeiros symptomas da terrivel febre que devia victimal-o no dia 18 de Abril de 1906, na cidade de Matto Grosso, onde chegára bastante mal, após vinte e poucos dias de penosissima viagem, pessimamente accommodado em uma pequena embarcação em que tudo faltava, até mesmo o necessario abrigo contra os rigores da intemperie.

Resistiu á mortifera molestia por espaço de quarenta e poucos dias de crueis padecimentos e privado, não só da affectuosa dedicação de todos os seus parentes e amigos, que tanto alenta e consola os que soffrem, como de todos os recursos, pois na velha cidade tudo falta e já se haviam esgotado os que comsigo levára com o tratamento dos seus companheiros e dos habitantes ribeirinhos do Guaporé e das praças do exercito, de algumas das quaes ouvi dizer, tomadas de gratidão pelo seu bemfeitor e lamentando a sua morte —

«que teriam succumbido se não fossem os cuidados e desvelos com que foram tratados pelo Dr. Esperidião.»

Encontrei muitas dessas praças em deploravel estado, no caminho da cidade de Matto Grosso, quando, levando soccorro ao illustre doente, dirigia-me a essa cidade, aonde infelizmente só pude chegar dois dias depois do seu fallecimento, não mais para salval-o, senão para regar com as lagrimas de eterna saudade, sob as ruinas da Egreja de Nossa Senhora do Carmo, a sepultura do irmão e amigo de quem me via para sempre separado após tantos annos de intima e fraternal convivencia.

Desculpe-me, caro leitor, estas expansões da minha alma saudosa e ferida no mais profundo e delicado sentimento com que fecho este parenthesis que abri á publicação das notas e dos apontamentos, que elle deixou, como a ultima prova do seu esforço por tornar conhecidas as riquezas naturaes dessa importante zona do nosso paiz, por que elle tanto se ufanou.

*J. A. da Costa Marques.*

## 1.ª PARTE

Viagem e estudos sobre o Valle do Baixo Guaporé.—Da cidade de Matto Grosso ao Forte do Principe da Beira, pelo Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques. 1906.

# O Rio Guaporé

Este rio, tambem chamado Itenez pelos castelhanos, banha uma extensão enorme da face occidental do Estado de Matto Grosso, e tem importancia na politica internacional porque serve de limite ou linha divisoria entre o Brazil e a Republica da Bolivia, a partir da barra do rio Verde até sua confluencia no Mamoré, por onde ainda continúa a linha.

Em sua margem direita fôra, no Seculo XVIII, edificada Villa-Bella, a capital dos Capitães-generaes, hoje a pobre e decadente cidade de Matto Grosso.

* * *

SEUS AFFLUENTES.—Dos seus numerosos affluentes visitei o rio Verde, o Corumbiára, o Mequenes, o Rio Branco ou S. Simão, o S. Miguel e o Cantario 3º, tendo tambem reconhecido as barras dos rios Baures e Itonamas, em territorio boliviano para cima do forte do Principe da Beira.

Dos primeiros, o mais importante pelo volume das aguas é o Verde, que serve tambem de linha de fronteira desde as suas cabeceiras até sua foz. Ahi, na sua confluencia no Guaporé, a Commissão de limites, em 1877, fincou um dos marcos da grande linha de fronteira que principiava na Bahia Negra.

O marco está todo por terra. Fôra destruido, dizem, pelos indios Cabixis. A base, porém, que é de pedra e cal, ainda lá está.

Todos esses rios, inclusive os bolivianos, na estação das aguas, a contar de Novembro a Maio, permittem a subida de pequenas lanchas á vapor por uma extensão superior a cem kilometros.

* * *

SUAS ILHAS PRINCIPAES.— Não mencionando uma immensidade de ilhas que o rio fórma desde a cidade de Matto Grosso, onde tambem abundam as bahias, principiarei pela Ilha Comprida, que nos pertence e que tem origem pouco acima da foz do rio Mequenes e que vae muito além desse rio.

Calcula-se em tres legoas o seu maior comprimento, sobre uma de largura.

Vem depois a ilha de São Simão, boliviana, maior que a primeira, e depois a ilha da Coricha ou do Capim, tambem boliviana, com cinco legoas de comprimento e uma de largura.

* * *

OS GRANDES BANHADOS.—Por mais que se leia e se estude os mappas geographicos, não se póde fazer idéa exacta da transformação que, no tempo das chuvas, soffre esta immensa area de terreno sobre o qual correm o Guaporé e seus affluentes. Quem os viu, como eu, cobertos d'agua, por dezenas e dezenas de legoas, ás vezes sem deixar uma nesga de terra secca para pouso dos viajantes, fica estupefacto diante de tamanha massa d'agua, parecendo a diluvio, não obstante ter já conhecido, como conheço, as cheias dos rios Cuyabá, São Lourenço e Paraguay, cujas aguas tambem se encontram e formam verdadeiro mar de agua doce, podendo-se então crusar em lanchas a vapor de Cuyabá para Corumbá e São Luiz

de Cáceres, pelos campos, nesta, naquella, ou naquella outra direcção.

Mas ali, nesses immensos alagados, além de grandes trechos de terrenos propriamente altos, ainda ha nos pantanaes as cordilheiras de mattas que não se alagam, e que guardam entre si distancias não muito grandes.

Aqui, no Guaporé, vi reunidas as aguas do Saroré, Galéra, Verde, Corumbiára, Mequenes, São Miguel, Cantario, Baures e Itonomas, n'uma extensão de mais de oito legoas acima de suas fozes, parecendo mesmo não existir entre elles o menor divisor de aguas.

As vivendas dos seringueiros das margens do Guaporé são então ilhas de um quarto de legoa de comprimento sobre egual largura, e a maior vivenda de terra firme não tem maior extensão que uma legoa em quadra. A cidade de Matto Grosso fica então cercada de agua. E' uma ilha de uma e meia legoa em quadra.

Ao Sul o Guaporé e seus banhados; ao Norte o Saroré; a Leste os banhados do Saroré que se communicam com o Guaporé; ao Poente o Guaporé.

As povoações bolivianas de Baurés, Magdalena, São Joaquim, São Romão, ficam desde Dezembro até Maio rodeadas de agua.

Não se anda á cavallo; não transitam os carros. Só se póde viajar embarcado. Esse enorme banhado, vai ao Mamoré, e então duplica-se, triplica-se, quadruplica-se a area submersa. As aguas vão ás fraldas dos Andes, na Bolivia, e do nosso lado ficam apertadas pelos grandes espigões dos Paricis, que formam as celebres cachoeiras que atemorisam os que descem o Madeira.

E eis ahi, nessas mattas alagadas, nas margens do Guaporé, e nas suas ilhas, tambem alagadas, o

lugar onde nasce, cresce e vive a seringueira, que é hoje a principal riqueza desta região para onde outr'ora o ouro chamava de toda a parte os que delle tinham sêde.

* * *

SUA NAVEGABILIDADE.—Fôra explorado o rio Guaporé pela primeira vez pela commissão de limites para ali mandada pelas côrtes de Portugal e Hespanha, no seculo XVIII. E pretendendo os Srs. Maciel & Cª., ha sete annos atraz, navegal-o á vapor, tive de, com esse interesse, estudal-o; e, em relatorio que publiquei em 1899, julgando-o adaptavel á navegação por lanchas a vapor, eu dizia sobre o Alto-Guaporé—«pode-se dividir esta extensão em duas secções: secção de margem alta ou terras firmes e secção de margens alagadas ou pantanosas, que é a maior. Ali o rio é sempre mais largo, menos profundo e menos obstruido; aqui muito fundo, menos largo e muito sinuoso. Não ha, porém, em todo trecho explorado uma só cachoeira ou pedra que estorve a navegação. Ha, sim, necessidade de muita limpeza, já no leito do rio, já nas suas margens.» Não me havia enganado. Em 1900 subia da cachoeira Guajará-mirim a lancha a vapor *Guaporé* daquelles industriaes, cabendo-lhes assim a honra de trazer pela primeira vez áquella velha cidade, outr'ora cheia de fausto e grandeza, o vapor que, si existisse naquelles remotos tempos, teria conservado a sua importancia, attentas as riquezas naturaes do valle deste formoso rio.

Tinha assim começado a navegação á vapor, e hoje, que acabo de percorrer novamente o rio em batelão, continuo a affirmar que, a não ser nos mezes de Agosto, Setembro e Outubro—elle é perfeitamente navegavel por lanchas á vapor que calem até quatro

palmos. Nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março, em que as aguas crescem sobre as minimas até a altura de dez metros, o rio póde ser sulcado por vapores de dimensões bem consideraveis, pois a sua largura vae de cem a quatrocentros metros e talvez um pouco mais.

* * *

PRODUCTOS NATURAES.—Além do ouro, que está disperso pelos seus affluentes e de cujo aproveitamento ninguem cogita presentemente, se encontra a herva-matte, a poáia, a baunilha, copahiba, salsaparilha, o tocary, e sobretudo a seringueira em ambas as margens—«l'arbol del oro», como a chamam os bolivianos—chamando «tierras de promission que solo esperan el trabajo humano para assombrar el mundo con su riqueza» a margem que lhes pertence. Assim se exprimia recentemente o ministro da colonisação em circular aos seus consules no estrangeiro, concitando-os a que apregoassem as riquezas do seu paiz no intuito de attrahir a immigração.

Foram os brasileiros, e sómente os brasileiros, os descobridores dos seringaes da margem brasileira e boliviana, como adiante mostraremos. Entretanto, estão elles agora sendo corridos atropelladamente pelos bolivianos de tres annos a esta parte.

* * *

POPULAÇÃO E BARRACAS.—Chamam-se barracas, ou barracões, as vivendas dos que ali se entregam á industria extractiva da borracha. São casas de construcção ligeira, mas ás vezes bem altas, espaçosas, commodas e até elegantes. As paredes em geral são de páo á pique, tapadas com palhas de palmeiras, collocadas horisontalmente e bem unidas, de modo a não se ver de fóra o que no interior se passa. A cobertura é sempre de palha ou capim, feita com

muita arte. As salas de visita têm as paredes forradas de chita e são regularmente mobiliadas. Nellas se vêm, pendurados ás paredes, retratos, espelhos grandes e relogios. Ha boas cadeiras de palhinha e preguiçosas de luxo.

Alguns barracões são assobradados, como o do Sr. Militão Leite e o do Dr. Emilio Peña.

O barracão mais importante pela sua construcção é o do Sr. Balbino Antunes Maciel, denominado «Santo Antonio». Está perto da barra do rio São Miguel. Tem bôa casa de vivenda, uma capella dedicada a Santo Antonio, onde costumam celebrar missa os padres bolivianos, e casaria para empregados, assim como casa de engenho e alambique. Está em construcção bem adiantada um sobrado de cinco salas centraes, ladeadas todas de varandas. Foi armado com madeira de lei bem apparelhada, e é pena que esteja coberto de capim.

Pelas informações colhidas nas barracas pode-se avaliar a população do Baixo-Guaporé, assim distribuida :

*Margem brasileira:*

| | | |
|---|---|---|
| Barracão de Militão Fernandes Leite, denominado Ilha das Flôres........ | 120 | almas |
| Barracão de Felippe Nery da Trindade e seus visinhos, nos Morrinhos...... | 80 | » |
| Barracão do boliviano Agapito Anes, nas Pedras Negras, e o de Manoel Bento........................... | 110 | » |
| Barracão dos Dois Irmãos e Quebra-Bote. | 30 | » |
| Barracão de Balbino Maciel e seus abonados........................ | 120 | » |
| Somma......... | 460 | almas |

*Margem boliviana:*

| | |
|---|---|
| Barracão Bella-Vista, de Frey y Landivar. | 80 almas |
| Barracão Cafetal de Augusto Toledo Filho........................ | 80 » |
| Barracão Mateo-há do Dr. Emilio Peña. | 80 » |
| Barracão de Eugenio Gomes de Sant' Anna........................ | 20 » |
| Diversas barracas na ilha de S. Simão.. | 150 » |
| Barracão de Versalhes de Cueller & Mansilla...................... | 400 » |
| Pequenas barracas dispersas.......... | 80 » |
| Somma......... | 890 almas |
| População que apparece na época da safra........................ | 500 almas |
| Total das tres parcellas............. | 1850 » |

* * *

COSTUMES.—Sobrepujando de tres annos a esta parte a população boliviana sobre a brasileira, têm os bolivianos influido poderosamente nos costumes. De modo que póde-se dizer que ali os habitos e costumes são bolivianos.

* * *

LINGUA.—Só se falla o portuguez no barracão do Sr. Balbino Antunes Maciel, ou melhor, só falla o portuguez a sua familia, porque os empregados geralmente fallam o castelhano. Nas barracas de outros brasileiros falla-se o portuguez mesclado com o castelhano.

* * *

JORNAES QUE LEEM.—Só vi jornaes bolivianos—«La Ley», de de Santa Cruz de La Sierra; «La Democracia», de Trindade, capital do departa-

mento do Beni; «La Voz del Itenez» e «El 10 de Abril», de Magdalena, capital da provincia de Itenez; «La Gazeta del Norte», de Riberalta, jornal que ha pouco chamava o Brazil de China da America do Sul. Neste ponto, faça-se-lhes justiça, os bolivianos levam vantagem ao nosso Estado. (Refere-se ao Estado de Matto Grosso). Povoações atrasadissimas pelo commercio, pelas edificações, pelos costumes, etc., têm quasi sempre seu jornal de publicação semanal ou mensal.

A linguagem, em se tratando de politica, é mais violenta que a da nossa imprensa no Estado.

* * *

MOEDA.—A moeda corrente é a prata boliviana. Não se vê absolutamente o nosso papel em circulação. Mesmo na cidade de Matto Grosso a prata boliviana é preferida pelos commerciantes.

* * *

USOS.—Conforme usam os bolivianos, todos os generos alimenticios são vendidos no valle do Guaporé, á peso.

Assim vende-se:

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 arroba de arroz com casca por......... | 5 | bolivianos |
| 1 » » farinha de mandioca......... | 5 | » |
| 1 » » feijão...................... | 8 | » |
| 1 » » carne secca.................. | 10 | » |
| 1 » » queijo...................... | 25 | » |
| 1 » » *manteca*.................... | 15 | » |
| 1 » » sal maritimo................ | 16 | » |
| 1 kilo de rapadura..................... | 3 | » |
| 1 maço de fumo (mais ou menos 1 kilo)... | 3 | » |

Trata-se da arroba boviliana de 25 libras. Não se usa do fumo em corda. Elles fallam sempre em «tabaco el maso».

Colhidas e seccas as folhas de fumo, são depois emboladas em maços de comprimento de $0^{m},20$ ou $0^{m},30$ e grossura de $0^{m},08$ ou $0^{m},05$. Em seguida são arrochadas com corda e assim ficam até estarem *curadas* ou promptas para o consumo. Vendem-se em maços, e aos pesos.

Aquella carne secca é feita do seguinte modo:

Morta a rez, e sacada a pelle, procede-se logo a separação de toda a gordura da carne, e só então é que se mantêa e secca-se. Essa gordura é misturada com sebo e tem-se então a *manteca* ou graxa, com que se prepara geralmente a comida nas casas bolivianas.

Só os brasileiròs têm ali porcos na séva e isso mesmo em diminuta quantidade. A base da alimentação no Guaporé é o arroz. O feijão pouco se encontra. Em Baures, S. Joaquim e Magdalena, surtem-se os seringueiros de mantimento.

Geralmente passam mal os operarios.

Os camaradas dos bolivianos, indios chiquitanos, são alimentados exclusivamente a milho, que ás vezes falta e a fome vem. Quando um desses infelizes adoece, o caldo que se lhe dá, em estado grave, é feito do pó de milho torrado e agua quente.

Póde-se dizer que chiquitano doente é chiquitano morto. Até ha falta de humanidade.

Pouco se planta. Os instrumentos de lavoura de que ali se servem os bolivianos são: a pá em vez da enxada, o facão em vez da fouce, e uns machadinhos que para os nossos trabalhadores teriam pouco valor. De bebidas alcoolicas abusa-se extraordinariamente, sendo mais moderados os brasileiros.

* * *

INDUSTRIA E COMMERCIO.—A industria da população do valle do Guaporé é exclusivamente a extracção de seringa ou gomma elastica. Coagulam o leite da seringueira pelo processo da defumação, unico usado ali.

O commercio principal é a venda da gomma, que ali estava custando 38 a 40 bolivianos por arroba castelhana de 25 libras. Em 1903 custava 20 bolivianos.

As mercadorias para o consumo local, como sejam fazendas, seccos e molhados, se introduzem pelo Mamoré da casa allemã Zeller, Rôsler, Villinger & C. de Santa Cruz de la Sierra, ou pela cidade de Matto Grosso, da casa brasileira Maciel & C. ou da casa allemã Voss, Stoffen & C., de Corumbá.

De Magdalena, de Baures e de S. Joaquim, povoações bolivianas, visinhas do Guaporé, vem grande numero de mascates a mercadejar em fazendas e molhados. Os preços são exageradissimos. Uma garrafa de vinho vermouth custa 12$ e uma garrafa de vinho do Porto 16$. Um litro de vinho francez 12$; uma lata de sardinhas 4$. As vendas são verdadeiras trocas. Entregam-se os generos e recebe-se a gomma elastica.

* * *

EXPORTAÇÃO DA BORRACHA. — Não é exagero dizer-se que a exportação neste anno (1906) já foi além de 105.000 kilogrammos ou 7.000 arrobas, pois só a barraca de Versalhes, de Cueller & Mansilla, exportam perto de 3.000 arrobas, e a casa Voss Stoffen, de Corumbá, dizem que exportou perto de 2.000 arrobas.

Foi attendendo a esse desenvolvimento da exportação da gomma elastica que a Bolivia, que infelizmente ali nos vae levando vantagem, acaba de crear uma alfandega no barracão de Cafectal, transformado

logo em Villa de S. Simão, pouco abaixo do rio Paragahy.

Quando, em meiado de Dezembro, desciamos o rio, encontramos com o chefe da alfandega, Sr. Luiz Lavadens e uma força de vinte homens, commandada por um capitão. Depois, quando estavamos lá em baixo, vimos uma circular dirigida ao Sr. Balbino Maciel, dando-lhe aviso de que desde o dia 1º de Janeiro ficaria ali installada uma—*Aduana nacional del Itenez.*

No meu regresso ali aportei e vi que a repartição estava funccionando. Entretanto, da borracha extrahida no nosso territorio quasi nenhum lucro aufere o Estado.

A não ser o Sr. Balbino Maciel, que sempre leva a sua borracha á mesa de renda em Corumbá, e ahi tem pago os direitos devidos, os outros extractores vendem as suas nas barracas e tudo vae para a Bolivia, e alguns exportadores ainda justificam, na alfandega boliviana de Porto Soares, a procedencia do Brazil para eximir-se tambem ao pagamento dos direitos da Bolivia.

* * *

ORDEM E SEGURANÇA.—Não ha ordem no Baixo-Guaporé, e portanto não ha segurança de vida nem de propriedade.

Para corroborar esta affirmativa passo a fazer a seguinte exposição, baseada em informações por mim colhidas aqui e acolá e em documentos que li.

Em Outubro do anno findo, 1905, o boliviano Eduardo Landivar, aliás de linhagem de certa importancia, tendo assassinado um irmão, sahiu de Santo Ignacio, povoação da provincia de S. José de Chiquitos, do departamento de Santa Cruz de la Sierra, com capangas armados e, chegando ao rio Barbados, em

nosso territorio, se apossou de uma galeota e da sua tripolação, pertencente a um seu parente, e desceu aquelle rio e o Alegre. Chegando á cidade de Matto Grosso, Landivar, que estava bem armado, tentou commetter violencias, mas tendo receio do pequeno destacamento militar existente na cidade, conteve-se e põz-se a descer o rio Guaporé com o intuito de matar e saquear.

Aportando no barracão boliviano de Bella-Vista, abaixo do rio Verde, pertencente aos Srs. Frey y Landivar, com quem tempos atraz tinha tido disputa, conseguio apoderar-se do que precisava e de grande numero de peões e, assim com o seu pessoal reforçado, continuou no seu plano de violencias e assaltos. Assaltou e roubou a casa de Feliciano, e um batelão de Henrique Paes de Azevedo, brasileiro, residente na Ilha de S. Simão.

Esta embarcação ia levando para Morrinhos mercadorias no valor de tres contos de réis mais ou menos, e de tudo se apoderou Landivar depois de haver assassinado a João Cancio, chefe dos tripolantes, e posto em debandada o resto da tripolação. Chegando afinal estas aterradoras noticias em Magdalena, capital de Itenez, a autoridade local mandou uma escolta ao encalço do bandido, sob o commando do capitão Luiz Pinheiro. Defronte do barracão de Balbino Antunes Maciel deu-se o encontro. Landivar ainda logrou assassinar o commandante da escolta, sendo depois morto por esta.

Pouco antes de Landivar, tambem por ali andou fazendo eguaes correrias, o celebre fascinora boliviano Modesto Montenegro, actualmente refugiado no centro da Bolivia.

Emfim, assassinatos e roubos ali se repetem quotidianamente á sombra da impunidade. Impera o direito do mais forte e a todas as violencias estão su-

jeitos os mais fracos, constantemente espoliados dos seus mais legitimos direitos, sem ter a quem possam reclamar.

Quando cheguei, em Dezembro, ao barracão do Sr. Militão Fernandes Leite, que ali exercia o cargo de subdelegado, encontrei, no porto, mais de sessenta pessoas, entre homens, mulheres e crianças, que vinham se refugiar em casa dessa autoridade brasileira contra as perseguições da familia Tolêdo—que desde 1904 persegue a Aurelio Peña e Rodolpho Justiniano por causa de seringaes, movendo tambem guerra injusta contra todos, bolivianos e brasileiros, que occupam seringaes na margem boliviana. Entretanto, como já dissemos, esses seringaes foram descobertos e occupados somente por brasileiros. Ha pouco é que os bolivianos para ali vieram e, acoroçoados pelas auctoridades do seu paiz—vão correndo com os primeiros occupantes para se apoderarem dos seringaes.

Foi o brasileiro, capitão Antonio Rodrigues de Araujo, quem primeiro explorou os seringaes do Baixo Guaporé, quer da margem brasileira, quer da boliviana; e, em 1877, os da ilha de S. Simão, conforme dão testemunho os brasileiros estabelecidos na cidade de Matto Grosso e os bolivianos residentes em Bella-Vista, no Beni, e em Magdalena, povoação que, pode-se dizer, foi fundada por seringueiros brasileiros. Na ilha de S. Simão, esteve Tótó Rodrigues, como ali o chamavam, situado com grande barracão assobradado e numeroso pessoal occupado na extracção da borracha. Havia então pequenas barracas brasileiras disseminadas pela ilha e confiadas a Domingos da Costa e Firmino de Assumpção, homens que Antonio Rodrigues havia levado de Cuyabá.

Depois do capitão Antonio Rodrigues ali penetraram os Macieis que construiram tambem barracão

assobradado e empregavam numeroso pessoal na extracção da borracha, em uma e outra margem do rio, quando ainda nenhum boliviano tinha ahi barraca.

Continuando os brasileiros na posse mansa e pacifica desses seringaes, foram descobrindo outros pela margem boliviana e assim fizeram explorações até o rio Paragahy. Fallecendo Tótó Rodrigues, em 1892, passaram para o poder dos Srs. Maciel & C. os barracões e feitorias em pagamento de dividas que tinha com a casa. Até essa data ainda eram os brasileiros e sómente os brasileiros que exploravam seringaes no rio Guaporé. Depois é que os bolivianos de Santo Ignacio começaram a vir conhecer os seringaes desse rio.

O Dr. Emilio Peña, descendo o rio, veiu estabelecer-se entre os seringaes dos Srs. Maciel & C.

Mais tarde vieram o Dr. Manoel Maldonado e os irmãos Landivar. Foram estes os primeiros bolivianos que se estabeleceram no rio Guaporé, a partir de 1894, em terras não occupadas pelos Macieis.

Em 1895, appareceu a primeira lei boliviana sobre os seringaes, obrigando os possuidores a pagar seis bolivianos por cada estrada. A casa Maciel & C., Militão Fernandes Leite e outros passaram então a pagar por suas estradas essa quantia. E assim ia tudo correndo regularmente, respeitando-se o direito dos primeiros occupantes. Em data de 25 de Maio, o Presidente Pando, baixou um acto pelo qual se vê que o chefe do poder executivo tambem reconhecia o direito dos primeiros occupantes brasileiros.

Entretanto, aproveitando-se de achar-se na Europa o Sr. Balbino Maciel, o mais forte e intelligente dentre os possuidores brasileiros, Mancilla, prefeito do departamento, Henrique Cueller, Tolêdo e outros

foram tomando posse dos seringaes e desalojando os primitivos detentores até com o auxilio da força publica.

* * *

## POPULAÇÃO INDIGENA

*Cabixis*. —Da cidade de Matto Grosso até a foz do rio Verde vagam os indios cabixis, os mesmos que perseguem os habitantes daquella cidade. Frequentam elles ambas as margens do rio Guaporé e sobem o rio Verde. Presume-se que todo o seu aldeiamento esteja nas fraldas da serra dos Paricis. São os mais temiveis e tanto que os que viajam por aquellas paragens andam contra elles muito apercebidos. Não se lhes pode determinar o numero exacto, mas suppõe-se que a tribu seja bem numerosa. A estes vivem associados grande parte dos indios Paricis.

*Páo-Cerne*.—Depois dos Cabixis, vêm os indios da tribu Páo-Cerne. Acredita-se que estes indios façam parte da grande tribu dos Garayoz, cathechisados na Bolivia pela missão franciscana, estabelecida em Umbicha, á margem direita do rio Branco, affluente do Baures, em S. Joaquim e em outros pontos.

Calculam os bolivianos em dois mil os que estão localisados nessas missões e tão civilisados andam que fazem perfeitos trabalhos de marcenaria, como cadeiras, lavatorios, mesas, que os padres mandam vender no Guaporé e tive occasião de vêr e de admirar o bem acabado da obra. Tambem trabalham de sapateiro, de alfaiate e de ferreiro. Fabricam assucar, aguardente e rapadura.

Formam verdadeiras povoações bolivianas e vivem reclusos nos aldeiamentos. São os padres seus senhores absolutos. Não os deixam affastar-se da aldeia e disso se queixam os bolivianos porque não conseguem um só para o trabalho do seringal. Cedem-

nos sómente para as viagens de canôa pelos rios, mediante salario previamente ajustado, ficando obrigado, quem os leva, a mandar entregal-os nas missões ou a justificar a morte deste ou daquelle que porventura tenha fallecido.

A' margem do Guaporé nunca os franciscanos tiveram missão.

Os indios Páo-Cerne, que a principio moravam exclusivamente na margem boliviana, passaram todos para a margem brasileira e são inimigos rancorosos dos bolivianos, e isto se attribue á perseguição que estes lhes moveram nos ultimos tempos, conduzindo mesmo muitos delles presos e algemados para o centro do paiz e que lá morreram. Encontram-se alguns na barraca do brasileiro Pedro Alexandrino, no logar denominado Bahia do Morro, logo abaixo do rio Mequenes. Um pouco mais além, no Tarumã, em nosso territorio, estão elles aldeiados em numero de trinta, com plantações de milho, canna, mandioca, batata, etc. Ahi reside o cacique, capitão Juliano, que muito esbraveja contra os bolivianos. Em nossa passagem lhes demos anzoes, arame, linhas e algumas facas.

Na barraca de Militão Fernandes Leite, em frente da ilha das Flores, ha uma turma de 15, trabalhando na seringa.

Póde elevar-se a cem o numero desses indios e todos estão em nosso territorio.

O franciscano Pesciotti, em Novembro, veiu tentar reunir os indios e localisal-os na margem boliviana, defronte da barra do rio Corumbiára, onde os portuguezes, sob o governo de Luiz de Albuquerque, tiveram, em 1776, no tempo da prosperidade desta região, o povoado a que deram o nome de «Viseu».

Ahi chegando, o franciscano derrubou grande matta, ergueu um cruzeiro e procurou entender-se com os indios da margem brasileira e distribuiu-lhes

presentes. Mas tendo disto sciencia o Capitão Juliano, chefe dos indios, immediatamente mandou entregar todos os presentes ao sub-delegado brasileiro, Militão Leite, para que devolvesse tudo ao padre, pois de boliviano nada queriam. Diante desta tenaz relutancia, o padre Pesciotti retirou-se, promettendo, porém, voltar e estabelecer-se n'aquelle sitio, esperando assim com o tempo conseguir a realisação dos seus desejos.

Do exposto vê-se que os bolivianos procuram por todos os meios influir no rio Guaporé, ao passo que nós, os brasileiros, nem ao menos sabemos o que por lá se passa, e nem procuramos estabelecer naquelle ponto fronteiriço de tamanha importancia um pequeno destacamento militar para garantir os nossos patricios que ali residem e os interesses nacionaes.

*Os Palmellas*—Viviam estes indios aldeiados no centro, a quatro leguas do ponto do antigo destacamento das Pedras Negras, em nosso territorio. Foi o finado Capitão Antonio Rodrigues de Araujo o primeiro que, em 1875, entabolou relações com elles e, segundo informações que elle deu á commissão de limites que por lá passou, em 1876, compunha-se essa tribu de 400 individuos que elle cathechisou e com os quaes trabalhava nos seringaes e viajava pelas cachoeiras do Madeira até o Pará.

Mais tarde foram se dispersando, entregando-se aqui e acolá á iudustria do homem civilisado, e hoje apenas ali existem uns quinze ou vinte individuos dessa tribu que ainda se dedicam á extracção da borracha.

Contam elles que além do local da antiga aldeia, approximando-se da Serra dos Paricis, vive uma tribu feroz que sempre os perseguiu; e o mesmo dizem os habitantes das Pedras Negras.

*Os Miguelenses ou Miguelenhos.*—São assim chamados os indios que habitam o rio S. Miguel. Eram temiveis e por isso o finado Tótó Rodrigues, que tanto perambulava pelo rio Guaporé, não conseguiu travar com elles relações.

Em 1882, a casa Maciel & C. mandou um dos socios, Estevam Antunes Maciel, explorar o rio São Miguel. Subindo o rio, logo acima de sua barra, foi Estevam encontrando numerosos aldeiamentos, e aos indios foi distribuindo generosamente os presentes que levava e que mais lhes apeteciam. Os selvagens fizeram-lhe festiva recepção e parecia que tambem a paz estava feita.

Regressou então Estevam muito satisfeito porque tambem havia descoberto ricos seringaes. E no principio de Setembro, emprehendeu nova viagem ao rio S. Miguel com numeroso pessoal, já preparado para trabalhar na extracção da gomma elastica.

Alegre e festivo foi o acolhimento que os indigenas lhe deram. E entretanto a trama estava urdida. A perfidia e a covardia é que os dominavâm. Aquella alegria era o requinte da falsidade perversa. Inventaram uma festa e, reunidos todos em uma das aldeias, foram convidar Maciel e seus companheiros para o folguedo. Era o dia 8 de Setembro. Chegados os hospedes e lhes tendo inspirado confiança, offereceram-lhes bebidas e os desarmaram amavelmente e, quando menos esperavam, rompendo em gritaria infernal, cahiram cannibalmente sobre os seus hospedes com as armas que traziam occultas e foi então medonha a carnificina, conseguindo escapar-se dessa hecatombe sómente um dos companheiros de Maciel que tinha ficado de guarda á canôa e que, embrenhando-se pelas mattas, tres dias depois, morto á fome, chegou á barra do S. Miguel, dando a fatal noticia a uma parte do pessoal que Maciel ali havia deixado.

Mais temidos tornaram-se então esses selvicolas.

Sómente 15 annos depois destes tristes acontecimentos, em 1877, veiu a casa Maciel a travar relações com esses gentios, com os quaes vae vivendo em paz até hoje. Ao barracão de Balbino Maciel, á barra do rio S. Miguel, já tem vindo turma de cem indios.

Até hoje, porém, nada fazem e só ali apparecem á procura de presentes e, obtidos estes, regressam ás suas aldeias. São muito egoistas. Tudo querem e pedem, mas nada trazem de suas tabas. Só a custo, delles se consegue um arco ou uma flecha. Alguns delles já fazem plantações de milho, empregando ferramentas que lhes tem fornecido a casa Maciel. Contam os Miguelenhos que do centro descem indios ferozes para guerreal-os e que mais de um dos seus chefes têm sucumbido na peleja, sendo um dos ultimos o capitão Joaquim, que em uma das refregas foi aprisionado, e, sahindo os seus companheiros á sua procura no dia seguinte, encontraram os inimigos saciando os seus instinctos ferozes com a carne do capitão miguelenho.

Não resta, pois, duvida que além das tribus ribeirinhas, muitas outras ha pelos espigões da Serra dos Paricis, que, ao longe, e n'uma media de 14 legoas mais ou menos, acompanha o rio Guaporé e delle se approxima no forte do Principe da Beira.

*Os gentios.*—Assim são chamados os selvicolas que habitam nos arredores do Forte do Principe, e além, para baixo.

São muito perigosos. Não chegam á falla com gente civilisada e sempre commettem assassinatos e depredações horrorosas. E' de notar, porém, que elles nunca mataram gente no forte, onde, entretanto,

têm passado até mezes, sómente tres ou quatro pessoas. Ninguem dá noticia de um ataque ao forte. Mas acommettem canoeiros e, em S. Domingos, acima do forte, onde a casa Maciel tem barracão, mais de uma vez têm elles feito carnificina. Atravessam o Guaporé, vão á margem boliviana e fazem correrias pelos rios Itonomas e Baures, conjunctamente com os indios desses rios.

Em Janeiro, quando desciamos para o forte, encontramos com o negociante Vicente Rivavolla que vinha de Magdalena com um batelão carregado de generos para negociar no Guaporé e trazia comsigo cinco homens gravemente flechados por indios que não se sabia se eram Itonamas ou Gentios.

---

Aqui terminam as notas que entre outros papeis encontramos nas malas do Dr. Manoel Esperidião. Nesta singela exposição nos limitamos ao que encontramos escripto, dando-lhe apenas em um ou outro ponto a ordem que nos pareceu mais conveniente.

Vamos, porém, fechar esta publicação com uma interessante carta que do Forte do Principe da Beira elle dirigiu a um dos jornaes que se publica em Cuyabá e que não foi publicada por não ter chegado ao seu destino.

Nessa carta elle descreve e lamenta o estado dessa admiravel obra de arte militar que, votada ao abandono e ao esquecimento, vae aos poucos cedendo á acção demolidora do tempo atravez dos seculos.

Eil-a:

Forte do Principe da Beira, 21 de Janeiro de 1906.

Sr. Redactor.—Escrevo-lhe desta fortaleza, que avidamente acabo de visitar, satisfazendo assim uma das minhas maiores curiosidades de viajante que tanto desejava conhecer esta região do Baixo-Guaporé, que

muito floresceu no seculo XVIII para depois cahir e extinguir-se por completo. Quem ao saltar no porto do Forte, depois de galgar a ladeira, deparar com esta obra monumental, no meio desta enorme mataria, ha de por força esbarrar-se para contemplal-a e inquirir logo dos seus obreiros para admiral-os e honral-os. E' assim a impressão dos que aqui aportam. Contempla-se o forte, primeiro de fóra com toda attenção, ficando-se satisfeito e orgulhoso por vêr de quanto é capaz o homem intelligente e trabalhador; só então é que se penetra vagarosamente na fortaleza para ir estudal-a no interior.

Entra-se impressionado a passo lento e com o coração a arfar e os olhos pousando socegadamente aqui e acolá.

Tudo aqui emociona porque tudo aqui é bom, tudo aqui é grande, tudo aqui é bem feito; e depois este inexplicavel abandono, esta enorme solidão, esta mattaria a querer tudo derrubar, a querer tudo demolir, trazem milhares de recordações, obrigam a gente a fazer tantas interrogações, que as horas vão passando sem sentir-se. Quer-se logo falhar um dia, mais outro e mais outro, para tudo vêr e admirar, para tudo commentar, para engrandecer os portuguezes e censurar os brasileiros por haver tudo esquecido, consentindo até que estrangeiros carreguem de aqui pequenos canhões de bronze para dar salvas em suas lanchas e festas! Consentindo que descubram as casas e carreguem as telhas, os tijollos, as portadas, as folhas de portas e janellas, feitas com tamanha perfeição e solidez! Sim, Sr. Redactor, nas povoações bolivianas de Magdalena, de Baures, de S. Joaquim ha telhas, ha portadas, ha tijollos das casas da fortaleza, como ha tambem imagens de sua capella na egreja desta ultima povoação! No porto do Antofogasta, no Pacifico, já uma vez um crusador inglez

comprou um dos pequenos canhões de bronze, que tem as armas de Portugal do tempo de D. Maria 1ª, e o levou para o Museu Historico de Londres!

Estou disto perfeitamente informado.

E assim as solidas casarias de dentro da fortaleza, que formavam duas ruas e que eram nobres moradas dos commandantes do forte e dos officiaes; capella, armazens, depositos, teem apenas hoje as suas paredes, que sendo de pedra e cal, hão de ficar de pé e hão de attestar por muitos seculos a nossa incuria porque, se prevalece o argumento de que a fortaleza nunca teve o valor estrategica que lhe deram os seus fundadores—essas espaçosas casas serviram de moradas a destacamentos militares de que o governo central ou estadoal não deveria jamais prescindir neste ponto da nossa fronteira.

Para mim é obra mais monumental do Estado.

Todo o arsenal de marinha do Ladario não representa a somma de esforços, de trabalhos e de sacrificios ali despendidos, e os mais competentes da nossa geração não poderão deixar de reconhecer a verdade do meu conceito, tão logo a conheçam, tendo-se em vista a épоea da sua construcção.

E tanto é assim que o Dr. João Severiano da Fonseca, medico militar, visitando-a em companhia de officiaes competentes, em 1877, escreveu: «E' deveras importante e magestoso; e confesso á puridade que ao contemplal-o tive pena e pezar verdadeiro de existir tal monumento em logar onde apenas um ou outro degradado, um ou outro selvagem e o rarissimo viajante que de necessidade lhe chega ao porto — tem occasião de contemplal-o». Mais adiante diz: «Todas as suas dependencias internas ou externas, casas, quarteis, depositos, ponte, portas, estradas, chacaras, uns destruiram-se, e outros vão pouco a pouco. Mas as muralhas são tão fortes, tão bem alinhadas, tão bem

acabadas, tão quasi perfeitas que hão de passar os seculos antes que se derruam ; e ainda hoje mantendo, pelo menos exteriormente, toda idéa de grandeza e poder que lhes imprimiram os seus autores, testificam a consciencia do trabalho, e o esforço assignalado dos seus obreiros».

* * *

Sem querer descrever o forte—direi apenas que as quatro grandes muralhas que fecham o quadrado da fortaleza, feitas todas de pedra canga vermelho, perfeitamente cortada em fórma de parallelepipede e unida por argamassa de cal e areia—conservam ainda hoje a sua perfeição e integridade. As arvores enormes que ahi médram, não sei até como explicar, ainda não desajuntaram as pedras, apezar da grande altura dessas muralhas, que é de dez metros.

Entrei na fortaleza pelo grande portão que está na face septentrional da mesma, e lá em cima ainda está bem legivel a explicativa inscripção que assim principia : «Josepho I Luzitaniæ Et Brasiliæ Rege Fidelissimo Ludovicus Albuquerquius Mello Pererius Cáceres.... Primum Lapidum Posuit Anno Christi MDCCLXXVI. Die XX Mensis Junii».

* * *

Como se sabe, houve aqui uma população de quinhentas almas que se entregava á cultura deste grande espigão da serra dos Parecis, tão afamada pela sua fertilidade ; população que a principiar do meiado do seculo passado foi se extinguindo aos poucos desde que se vira abandonada em meio de indios ferozes que, apezar de não haver jamais accommettido a gente do forte, segundo todos por aqui attestam, faziam, entretanto, grandes depredações abaixo e acima da fortaleza.

Foram os habitantes, alguns descendo o rio, e outros procurando a velha cidade de Matto Grosso e os ultimos, mais díspostos, foram se reunindo aos valentes brasileiros que se internaram pelos seringaes de uma e outra margem do Guaporé, fundando aqui e acolá barracas ou feitorias importantes, como o finado Capitão Antonio Rodrigues de Araujo e os irmãos Macieis.

Agora sente-se aqui immensamente a necessidade de destacamentos militares diante da grande população que a Bolivia, enciumada pelo povoamento e cultura do seu territorio, que ella consentio e mais tarde legalisou, tem despejado para aqui desde 1903, principiando logo as injustiças e as extorções aos brasileiros, e formando-se no seio desse agglomerado de aventureiros de toda especie, bandos de salteadores que teem praticado roubos e assassinatos nas margens deste rio, como o capitaneado por Modesto Montenegro e Eduardo Landivar.

* * *

Galgando-se o portão do forte, penetra-se num espaçoso corredor que leva ao interior da fortaleza; corredor que é todo abobadado e, quem olha para as paredes e tecto, pensa que tudo aquillo é de marmore, tal a delicadeza da obra. A caliça do revestimento é finissima. Com ponta de faca não pude riscal-a, tamanha é a sua dureza. Vendo ahí por toda a parte, escriptos um alluvião de nomes bolivianos, e não vendo um só de brasileiro, quiz tambem deixar o meu, assim a modo de um protesto contra tanta usurpação, e, sacando da faca que tinha á cinta, tentei graval-o ao lado do dos bolivianos, mas nada consegui. Pelo que o escrevi a carvão, como fazem os nossos visinhos que aqui veem, uns para fazer carregamento de materiaes, e outros com o justo interesse de conhecer a poderosa

fortaleza que tanto terror incutia ás cortes hespanholas. E por curiosidade de viajante e missivista, transcrevo aqui os nomes de alguns desses visitantes— Dr. Callau Gómez, 1894.—Zoilo Sovin, 1895.—Rosendo Melgar, 30 de abril de 1904.—Otto Arens, Bernardino Pesciotti, Angel Callais, 1905. E muitos outros que seria longo enumerar.

* * *

Felizmente chega-nos agora a esperança de que reapparece a vida e animação neste formoso Guaporé com o grande desenvolvimento que vae tendo a industria extractiva da borracha, o que ahi ignoramos pelo pouco caso que fazemos de nossas fronteiras, como tambem ignoramos o que se passa pelas nossas linhas divisorias com o Estado do Amazonas, onde os nossos seringaes do Javary e Giparaná estão sendo devastados, assim como o Pará ha de estar aproveitando os productos da rica flóra do valle do Tapajoz e S. Manoel que nos pertence.

* * *

E aqui fico por hoje, promettendo escrever mais uma carta si continuar a gozar saude, pois as febres de caracter gravissimo teem grassado com intensidade, estando doentes quasi todos os meus companheiros, inspirando mesmo alguns serios cuidados, e paralysando assim a minha excursão. Quando lembro-me da expedição Duarte e da do Corenel Paula Castro, e penso na estação que estamos atravessando em que as chuvas se multiplicam e os rios transbordam, inundando os campos e mattas, não deixando logar secco para pouso dos viajantes, vem-me grande temor que procuro occultar aos companheiros, e então só me resta supplicar a Deus que nos conserve.

MANOEL ESPERIDIÃO DA COSTA MARQUES.

## 2.ª PARTE

# Projecto de vias de communicação

Exploração do Alto Guaporé e dos rios Jaurú, Aguapehy e Alegre, pelo Dr. Manoel Espiridião da Costa Marques. 1899.

# DESCRIPÇÃO GERAL

**Dos productos naturaes e das industrias da região que vae ser percorrida pela via-mixta de communicação.**

---

## RIO JAURU'

### Campos de criação, Poaia, Cóbre, Ouro

Corre o rio Jaurú desde o Registro até sua foz em terrenos na maior parte baixos.

Irriga com suas aguas tão potaveis, como crystallinas, uma área immensa de terrenos de que a industria agricola e pastoril tira as maiores vantagens.

Altos e baixos, esses terrenos, pela sua fertilidade, já provada pela variedade de cultura que ahi vae se desenvolvendo, podem offerecer occupação a uma numerosa população. E si alargarmos a zona e procurarmos as cabeceiras do rio, todas ainda devolutas, então affirmamos que só ali temos mattas para sustentar a lavoura do Estado por mais de um decennio.

* * *

Os campos de criação que constituem o principal thesouro do valle do Jaurú, na extensão por nós ora percorrida, são capazes de abrigar em seu seio manadas de gado sufficiente para manter estabelecimentos

da ordem do «Descalvados», pertencente hoje á uma sociedade anonyma belga—Produits Cibils—que ahi mata annualmente em tres mezes de safra, como já antes matavam os primeiros possuidores, 25.000 cabeças de gado, que transforma em extracto de carne que remette para a Europa e em outros variados productos de reconhecida utilidade para a alimentação do homem.

E' computado, pela administração da fazenda em 150.000 cabeças o numero de gado que pasta nos campos do Descalvados, banhados pelos rios Jaurú e Paraguay; e além de 200.000 kilogrammas de extracto de carne, 15.000 linguas e 8.000 kilogrammas de graxa que o estabelecimento produz annualmente, ainda fabrica 160.000 kilogrammas de sabão, cuja maior parte é vendida no Estado. Entretanto, si a riqueza e o fausto imperam ali, á margem direita do Jaurú, nos campos dos Descalvados, onde se encontram todas as manifestações do trabalho—o deserto e a pobreza entristecem a todos que olham para a região da margem esquerda. Ahi as gramineas se contam por dezenas de especies, cada uma disputando a primasia como bom pasto, e fazendo contraste com a raridade da presença daquella preciosa criação, que vivendo, nutrindo-se e procreando livremente fazem a alegria dos campos e a abastança dos seus proprietarios. Nesses campos da Caissara—fazenda nacional—o silencio só é quebrado pelo grito das aves selvagens e de uma alluvião de animaes quadrumanos, carniceiros, ruminantes, roedores e reptis, que si quizessemos aqui enumerar teriamos que dar a este tosco trabalho desenvolvimento que não convem.

* * *

Si bem que seja mui usual no Estado, o que é assás pernicioso, a queima todos os annos das mattas e dos campos, todavia a vegetação das margens do rio é muito alta e bastante variada. As florestas do Jaurú, agora mesmo no rigor da secca, quando a florescencia e fructificação dos vegetaes ainda não principiaram, encantam e maravilham a todos os que dellas se approximam, e si algum botanico pretendesse penetral-as e estudal-as não gastaria pouco tempo, mas em compensação prestaria relevantissimos serviços á Sciencia.

Não fallando nos angicos e outras madeiras de somenos importancia, que poderiam abastecer de lenha por muitos annos uma activa navegação, citaremos como abundantes o cedro, o louro, o guaretá e a araputanga, muito procurados para taboados e embarcações, como montarias, batelões, galeotas e pranchas, industria nascente que felizmente vae-se desenvolvendo. No sitio das Lages, tem-se construido mais de uma prancha, pegando ás vezes mais de 1.500 arrobas de carga. A piúva, a peroba, o jacarandá, o vinhatico, a aroeira, a canella, ahi abundam e assim o guanandi e cambará, que no Descalvados substituem o cedro e o pinho nas construcções das caixas, caixões e caixotes, para accomodar sabão e latas de extracto de carne e de graxas.

* * *

Si formos além do Registro, rio acima, onde uma vez já chegamos, e onde tudo está mais ou menos virgem, então devemos duplicar senão triplicar o apparecimento dessas madeiras uteis. A poaia, a preciosissima raiz, indigena do municipio de S. Luiz de Caceres, que está sendo agora reputado pelos exportadores á razão de 280$000 por arroba, se encontra em abundancia além do Registro. Ha annos quando

ahi subimos e explorámos as mattas, a reconhecemos de boa qualidade, e si as correrias de indios vedavam então aos extractores a colheita, hoje, com a alta dos preços, estão as mattas sendo visitadas constantemente pelos que se affeiçoam á industria extractiva.

* * *

Pensamos que além das Salinas e das minas de cobre, situadas perto do Registro, já principiadas a explorar ha annos atráz pelo engenheiro de minas Leandro Dupré, o Jaurú corre além daquelle ponto sobre leito de cascalho aurifero.

Tudo precisa de reconhecimento minucioso. Aquellas salinas se prolongam pela Bolivia, e sabe-se que vantagens tiraram dellas os bolivianos, quando, por occasião da guerra com o Paraguay, isolados iamos ficando sem esse condimento. Elles traziam-n'o em cargueiros, e com a maior presteza apuravam boas sommas de contos de réis, porque nesse tempo se chegou a vender sai a 1:300$000 o alqueire.

* * *

Em viagem que, como já dissemos, fizemos além do Registro, chegamos a dar uma cata em uma ilha no meio do rio, que então baptisamos por ilha do grão de ouro. Com a profundidade de 3 metros, bocca de $2^{m}.50$/2.50 alcançamos uma camada de cascalho da espessura de $1.^{m}00$, onde os quartzos rolados e outras formações appareciam animadoras. Lavamos o cascalho e em todas as bateiadas o ouro apparecia, chegando mesmo a se encontrar um granete, de fórma quasi espherica, de 4 milimetros de diametro. D'ahi o nome por que é hoje conhecida a ilha.

* * *

A agricultura, com razão considerada a fonte mais segura da riqueza de um povo, vae tambem ali se desenvolvendo, e si hoje a tendencia geral da população do Estado é para as industrias extractivas, ensina a experiencia que se aconselhe o povo a não deixar de revolver e semear o solo, porque sem o feijão, o milho e o arroz aquellas industrias são pouco lucrativas, sinão impossiveis. Nos sitios de «Câmpo-Alegre», «Bahia-Grande», «Fumaça» e «Lages» já existe a pequena lavoura de cereaes, e a plantação de canna de assucar vae animando a todos que della se occupam. A fabricação de queijos é commum a todos os moradores das margens do Jaurú.

* * *

Com todos estes elementos de vida, comprehende-se a importancia da navegação desse rio não só para servir ao pequeno nucleo de população ahi existente, facilitando-lhe as relações de commercio, valorisando-lhe os productos de sua industria, e levando-lhe novos meios de melhor aproveitar as suas florestas e os seus campos, como ainda considerada como uma das secções da grande via que tem de estabelecer communicações entre a região occidental do Estado e sua capital.

# RIO GUAPORÉ

**Borracha, Poaia, Baunilha, Herva-matte, Café, Ouro**

Em meiados do seculo passado era o alvião do mineiro que penetrando nas entranhas do sólo, e extrahindo riquezas ahi occultas, chamava para o valle do Guaporé a vida e a animação, creando-se aqui e acolá pequenos nucleos de população, e fundando-se com as maiores esperanças a capital dos capitães-generaes. Hoje é o facão do caboclo que embrenhando-se pelas mattas fere a seringueira, e fazendo correr o leite vai animando e vivificando aquella região, que, possuidora de uma avalanche de riquezas, ia comtudo, por um conjuncto de circumstancias. tendo a sorte dos organismos velhos e depauperados.

E' que assim como nos animaes um orgão não funcciona sem auxilio de outro—assim nas artes uma industria não se desenvolve e prospera sem soccorro de outra; como pois o aproveitamento daquellas riquezas sem a primeira das industrias, a dos transportes, que crea e desenvolve o commercio, que anima os povos, que promove emfim o bem estar moral e material de qualquer paiz ?

* * *

A importancia do municipio de Matto-Grosso e de toda a região do Norte do Estado se mede pela valorisação que a borracha vae tendo dia a dia; ou, si quizerem, pelo grão de elasticidade dessa substancia; e como ainda não se determinou limite ao seu poder elastico, póde-se dizer que aquella importancia não tem limites. Os seus seringaes hão de, pois, continuar a occupar a attenção e actividade dos capitalistas, dos

industriaes, e de todos os emprehendedores, nacionaes ou estrangeiros. Como já foi o ouro, como já foi o café perante o estrangeiro, perante a Europa—assim é hoje a borracha. Tudo se faz com a borracha e pela borracha.

E não exageramos.

* * *

Não ha muito tempo discutia-se no congresso de S. Paulo, e deve ser hoje lei do Estado, um projecto tendente a animar a industria extractiva da borracha de mangabeira, e o Dr. Luiz Pereira Barreto, um dos mais esforçados paladinos na defeza dos interesses nacionaes, mentalidade poderosa que perambula por todos os campos de conhecimentos humanos, sendo ao mesmo tempo medico, philosopho, eximio politico e notabilissimo lavrador, tratando da borracha em artigos que publicou nos jornaes, disse: «Um paiz que póde pôr no logar do café uma especiaria que vale vinte vezes mais, tem o direito de se apresentar de cabeça alta perante o mundo do credito. Não podemos estar arruinados quando temos na mais vasta escala recursos, de tal magnitude, que tornam todos os paizes civilisados nossos tributarios. Sei de cartas de Londres autorisando a pagar até 200 a 220 mil réis por cada arroba de borracha de mangabeira. Não se concebe mais a civilisação sem borracha e por emquanto é só o Brazil que póde satisfazer aos vehementes reclamos das industrias e das artes, que não podem dar um passo sem o auxilio dessa inestimavel substancia. Está em nossas mãos pôr em jogo os meios de riqueza que possuimos e tomar uma exemplar vingança de todas as miserias presentes.»

* * *

Não estão conhecidos seringaes nas cabeceiras da Guaporé, assim como não os ha no trecho que vae do local onde existiu a antiga ponte até a cidade de Matto-Grosso, que acabamos de explorar, verificando suas condições de navegabilidade e investigando suas riquezas naturaes. Com a descoberta, porém, que ha pouco, em Maio passado, fizeram de seringaes no grande taboleiro dos Parecis, na região fronteira ás cabeceiras do rio Sipotuba, e com informações minuciosas que temos colhido, acreditamos que, devendo ser em tudo identicas as paragens onde tanto o Sipotuba, como o Jaurú e o Guaporé têm suas origens— este rio deve ter seringueiras em suas nascentes. Da cidade para baixo, a partir do rio Galera, á margem oriental, principiam os seringaes mais ou menos conhecidos, e póde-se dizer que dahi elles não se cortam até o valle propriamente do Amazonas. Por sua vez a margem boliviana em certa extensão é tambem povoada dessas preciosissimas arvores, que conjunctamente com outras fazem a magestade das florestas do rio Guaporé, onde ha plantas textis, oleaginosas, e aromaticas; onde ha madeiras para construcção naval, rustica e urbana; onde finalmente ha plantas medicinaes, fructiferas e proprias para a tinturaria.

Quem do porto da cidade de Matto-Grosso descer em batelão chegará, depois de oito dias de viagem, á primeira feitoria dos Srs. Maciel & C.ª, cuja direcção é confiada ao Sr. Militão. Descendo mais irá encontrando seringaes e chegará a Mutuá, onde ha outra grande barraca dos mesmos senhores, e de outros extractores.

Nas Pedras-Negras trabalhou ha annos atraz o finado Capitão Antonio Rodrigues de Araujo, laborioso commerciante tão conhecido em Cuyabá; e filhos de Matto-Grosso, que ahi estiveram destacados,quando

praças do exercito, contam não só da existencia de seringaes, como de enormes laranjaes perdidos no meio de cerrada mattaria.

Si se descer o Fórte do Principe da Beira e chegar até a fóz do Beni, ainda se encontrarão barracas daquelles senhores.

* * *

Em todas as mattas do valle do rio Paraguay, acima da fóz do Jaurú, se extrahe poaia ha mais de trinta annos; tem-se mesmo exportado annualmente até cinco mil arrobas. De quatro annos a esta parte tem diminuido a exportação, porque aquella raiz tem se tornado mais escassa. A descoberta da poaia no valle do Guaporé tem, pois, a maior importancia.

E' certo que já se conhecia ali a poaia na grande matta que vae do Guaporé aos campos do Bority e no valle do rio Galera; mas agora com a nossa viagem pelo rio Guaporé e pesquizas pelas mattas que orlam suas margens, vimos poaia mais abundante, a 7 legoas apenas acima da cidade, o que logo animou aos Srs. Manoel Maria, Amaro e Antão a fazerem rapida excursão á matta e da prova feita resultou-lhes a convicção de que o trabalho é assáz lucrativo. Em tres dias de trabalho colheram tres arrobas da estimada raiz. Nas cabeceiras do rio Sararé, o primeiro que entra no Guaporé, logo abaixo da cidade, em cuja margem oriental estão as ruinas das antigas povoações do Pilar, Chapada e Ouro-Fino, que tanto floresceram nos tempos aureos da rica capitania—os Srs. David Francisco da Silva e Domiciano Mendes descobriram, em Junho passado, numa excursão que, com outros companheiros, fizeram em perseguição aos indios que haviam atacado a cidade, muita poaia. E assim póde se dizer que a poaia já não é producto exclusivo das mattas

do municipio de S. Luiz de Caceres, mas continúa a sel-o, ao que nos consta,—só do Estado de Matto-Grosso.

* * *

Desde que deixámos o rio Jaurú e saltámos em terra, no Registro, fomos encontrando principalmente nas vargens, tambem chamadas veredas, onde abundam os brejos—a baunilha. Muito procurada no Estado, onde ella entra na composição dos licores e chocolates, estimulando-os e aromatisando-os, essa planta viceja exhuberantemente nos paúes do Guaporé. Ahi n'uma extensão de muitas legoas, onde se cança de ver aguas de todos os lados, e boritys aos milhões, se vê essa parasyta, trepando pelos boritys, a 20, 30 ou 40 metros de altura, e procurando a luz do sol para dar-lhe vida. Si bem que viajassemos pelo Guaporé em tempo muito improprio para a colheita, apanhamos todavia algumas bagens temporãs de $0,^{m}2$ de comprimento, sobre $0^{m}.,03$ de largura.

Nos mezes de Abril ou Maio uma viagem pelo rio dará bellissimos resultados a quem a emprehender, e não se arreceiar dos pantanos e mosquitos.

* * *

A industria extractiva de herva-matte, explorada no sul do Estado pela companhia «Matte-Larangeira» tem dado enormes vantagens ao Estado e aos accionistas da Companhia, que não é para desprezar-se o apparecimento aqui ou acolá desse producto natural de nossa flóra, hoje tão universalmente usado sob a forma de infusão que já vae correndo parelhas com o chá e o café. Citemos, pois, a existencia da herva-matte em a antiga vivenda Carlos Augusto, e ás margens do ribeirão Jatobá, pouco abaixo da cidade, e á

margem esquerda do Guaporé; e acreditamos que si fizessemos demorada excursão pela serra Ricardo Franco achariamos hervaes capazes de dar serviços a outra companhia. O povo da cidade de Matto-Grosso só usa desse matte, que provámos e achamos tão delicioso como o que é elaborado pelos processos adiantados.

* * *

Contam os historiadores que foram os paulistas os descobridores dos sertões e rio de Cuyabá, nas suas ousadas excursões que faziam para conquistar haveres e engrandecer sua terra natal,—a capitania de S. Paulo, que então abrangia Matto-Grosso; que em 1718 o capitão-mór Moreira Cabral, subindo aquelle rio e saltando em terra nos arredores da actual capital, achou ouro á flôr da terra e em tamanha cópia que tanto elle como seus companheiros, na primeira e rapida colheita que fizeram, lograram arrecadar: aquelle uma e meia libra de ouro, e os seus companheiros, que não eram poucos, de 50 a 60 oitavas cada um, e por isso foram levantando aqui e ali cabanas, e fazendo plantações.

Póde-se, porém, dizer que o principio da povoação datou do dia em que em 1720 o paulista Miguel Sutil, e seu camarada João Francisco, descobriu e passou a colher, no local onde hoje existe a igreja do Rosario, tanto ouro que em um mez tiraram mais de 400 arrobas cavando apenas a profundidade de 3 a 4 palmos. A sêde de ouro e de gente para extrahil-o atirou os aventureiros pelos sertões. Correram para a região occidental em busca dos indios, e na serra dos Parecis acharam tantos que o sertanista Antonio Pires de Campos, em noticia que se encontra publicada na revista do Instituto Historico assim se exprimia: «E' esta gente em tanta quantidade que não se podem

numerar as suas povoações ou aldeias; muitas vezes, em um dia de marcha se lhe passam dez e até trinta casas; todos vivem de suas lavouras, no que são incansaveis e é gentio de assento. Faz este gentio obras de pedra como jaspe, em fórma de cruz de Malta, insignia que só trazem os caciques ou principaes.» Em seguida descobriram em 1731, nas fraldas da serra, no rio Galera, o procurado metal, e a noticia da descoberta de tanta gente e ouro, fazendo écho por toda a parte, dentro de pouco tempo chamou para ali aventureiros de todas as classes. E assim descobriram tantas minas de ouro que logo appareceu a conveniencia da mudança da séde da capitania para aquelles lados, não só para melhor se vigiar a fronteira contra as pretenções dos Castelhanos, como para melhor arrecadação de tanta riqueza de que precisava Portugal.

* * *

Foi Rolim de Moura, capitão de infantaria e senhor de Azambuja, quem fundou a cidade de Matto-Grosso, da qual o finado Dr. João Severiano da Fonseca, que bem a conheceu porque nella passou seis mezes, disse, em 1878, diante de tantas ruinas que via: «Tempo virá, longe, mui longe talvez, quando já não exista sinão o renome dessa cidade injustamente desacreditada; quando o homem venha em busca das verdadeiras riquezas do solo, desse solo uberrimo e de tão facil conquista para a prosperidade e desenvolvimento do paiz; quando se aggregue a população e com ella surja o commercio, a agricultura e a industria; e quando o grande e formosissimo Guaporé, franco das cabeceiras á região encachoeirada do Mamoré, entronque a sua facil navegação á via-ferrea do Madeira; e que o povo vigoroso e cheio de animo, dispondo de mais forças, e a edilidade de melhor aviso,

encontrem outra facilidade para remover os obices ao seu adiantamento; a cidade de Matto-Grosso, o verdadeiro coração da America Meridional, vivificada por essas duas arterias sem rivaes no mundo, o rei dos rios, o rio-mar e o Prata, ligados entre si por uma facillima estrada de ferro de vinte e poucas legoas, della ao Jaurú,—será o centro da vida dessas regiões, tão prenhes de riquezas nos tres reinos naturaes, quão de miserias actualmente.»

* * *

Dentre as minas de ouro que rodeiam Matto-Grosso devem ser mencionadas principalmente as de S. Vicente, Pilar e Lavrinhas como as mais afamadas e porque ahi se fundaram e prosperaram, com as prosperidades das minas, nucleos importantes de população, como ainda hoje attestam as ruinas das casarias e das igrejas alli edificadas, e cujos vestigios os indios querem apagar de vez, porque alli estão todos os dias a descobrir uma ou outra casa que ainda se conserva de pé. Segundo informações que me foram ministradas pelos proprios filhos de S. Vicente a ultima investida dos indios cabixis alli teve lugar em 24 de Agosto de 1877. Parece até que houve de antemão combinação de um plano geral de ataque aos moradores. Quando crescia o dia, uns deitaram fogo nos paióes de milho nas roças, e outros se approximaram dos habitantes do arraial, que felizmente não se amedrontaram, e souberam repellir com vantagem aquelles barbaros. Não quizeram então fazer mais plantações, e quando, em Dezembro, principiaram as chuvas, foram se valer para os aprestos da emigração que iam fazer dos recursos com que a natureza dotou o seu torrão natal. José Fernandes Leite, David Francisco da Silva, Epiphanio Bispo de Freitas, Manoel Amancio e Diogo Francisco da Silva e mais outros companheiros lavra-

ram as minas, e em Março seguinte se retiraram levando todos muitas oitavas de ouro com que principiaram a cuidar de nova vida na cidade. Todas as minas de Matto-Grosso não estão esgotadas, como provam o facto citado, que pode ser verificado, por quem quer que seja. E' que antigamente só se aproveitavam as veias á flôr da terra, os cascalhos ricos de alluvião. As jazidas mais profundas eram abandonadas, porque oppunham mais difficuldades ao seu aproveitamento e eram desconhecidos os apparelhos adiantados de mineração, que é hoje uma sciencia positiva como qualquer outra. Organisem-se associações ou companhias com os precisos elementos; haja boa direcção que das profundezas daquelle solo hão de extrahir thesouros capazes de mudar completamente a vida do povo do Guaporé. A mineração de ouro é, pois, uma industria que precisa ser novamente creada naquelle municipio e em todo o Estado e eis a razão por que não tratamos della em primeiro lugar.

* * *

Chegamos agora ao café, que tem sido até hoje a mais rica mina de ouro do Brazil, e pois não era possivel que elle não se representasse no valle do Guaporé, onde as minas são tão abundantes. Nestas ligeiras noticias que estamos dando das riquezas alli embryonadas, á espera da actividade do homem que as aproveite e abra uma nova era de prosperidades para a moribunda cidade, temos fugido absolutamente das apreciações exageradas, e o que avançamos foi o que vimos nas nossas viagens, ou colhemos de pessoas que nos podiam informar. Querem os filhos de Matto-Grosso que o café que ali se encontra seja indigena da terra, como os cuyabanos suspeitam que a canna o seja do valle de S. Lourenço, baseados n'uma narração que se encontra nos annaes da Camara de Cuyabá,

de 1728. O certo é que ali se encontram em diversos lugares, em meio de mattas altissimas, grandes cafesaes em que os cafeeiros se mostram de todas as idades, ora completamente cerrados, ora mais ou menos espaçados, parecendo que alli nasceram e vegetam, como a seringueira, sem que déssem trabalho a alguem. Si é verdade que alguns cafesaes apparecem em lugares onde ha vestigios da existencia de sitios velhos do seculo passado, como em Garajús, outros se encontram em região completamente virgem, como os que se vêm na zona que se estende entre o alto Sararé e o Guaporé, conforme me referiram os Srs. Antão Leite Ribeiro e Domiciano Mendes.

Consignemos o facto, que pode algum dia ser melhor verificado.

* * *

Ainda em campos de criação o municipio de Matto-Grosso occupa a primasia. Os campos de Bority, da Coceira, do Encantado, do Garcia, e do Pary, que atravessamos n'uma extensão de nove legoas e que ficam ao S e S E da cidade são os melhores que temos visto para criação de gado vaccum e cavallar. Não são campos muito baixos, e a aguada é abundante nas lagoas. Os pantanaes do rio dos Barbados e do Alegre ao S e SO da cidade foram sempre os mais afamados, basta lembrar que alli estão situadas as fazendas nacionaes de Salinas e Casalvasco, outr'ora tão importantes. Sabe-se que foi o capitão-general Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres quem agradando-se dos campos da margem direita dos Barbados, á viva força, desapropriou o dono, e fundou Casalvasco, edificando ahi grande sobrado, igreja e casaria, transformando-a em nobre povoação, onde ia todos os annos, com o seu sequito, matar o tempo.

Outr'ora immensas manadas de gado percorriam esses campos, hoje todo o gado do municipio vae pouco além de 200 rezes, que rodeiam á cidade. O das fazendas desappareceu de todo.

# Necessidade desta via de communicação

## Sua importancia politica e commercial

São bem conhecidas no Estado as necessidades de vias de communicação para a cidade de Matto-Grosso; basta saber que a alta administração civil e militar passa cinco e ás vezes seis mezes sem se corresponder com os que alli estão velando pelo respeito ao nosso territorio. A linha de limites com a republica da Bolivia passa pela frente da velha cidade, e desde a foz do rio Verde até a foz do Beni, uma margem do Guaporé, é nossa e outra é boliviana. Os portuguezes sempre prestaram a maior attenção áquella região, e pelas margens deste rio espalharam importantes fortificações, que até hoje attestam as variadas fórmas de trabalho que alli já reinou. O Forte do Principe da Beira, com sua monumental construcção, é prova eloquente de que nem a distancia, nem as innumeras cachoeiras do valle do Madeira foram impecilhos ao esforço do homem intelligente.

* * *

Ha muitos annos que a communicação d'aquella cidade com a capital do Estado se faz pelo territorio boliviano, com as maiores inconveniencias, podendo suscitar até reclamações diplomaticas, porque constantemente, por occasião de substituir os destacamentos

da fronteira—estão passando forças nossas, armadas, pelo territorio visinho. E como o caminho seguido corre por pantanaes, quando estes estão alagados—interrompem-se as viagens e toda a sorte de communicações. Não resta, pois, duvida que, sob o ponto de vista da politica internacional, as communicações projectadas são da mais alta importancia.

* * *

Governos, engenheiros, viajantes, industriaes, economistas e commerciantes—todos têm reconhecido a necessidade de dar facil sahida aos variados productos da flóra dos valles dos rios Guaporé, Mamoré, Beni e Madeira. Quem do Guaporé ou da cidade de Matto-Grosso quizer exportar os productos de sua industria tem de sujeital-os ás difficuldades, riscos e perigos que dezenas de corredeiras e 18 cachoeiras, (onde ha formidaveis catadupas, como o salto Theotonio)—oppõem á navegação desde Guajará-mirim até Santo Antonio. O mesmo acontece para importação de mercadorias.

Muitos alvitres têm sido lembrados por engenheiros da mais reconhecida competencia para facilitar aquella sahida; o governo brazileiro e o governo boliviano não se esquecem do assumpto desde 1870; a estrada de ferro do Madeira e Mamoré tem sido assumpto de muitos relatorios e memorias; entretanto as cousas continuam como estavam, ou um pouco peior pela reducção que tem havido no pessoal incumbido desse penosissimo serviço de dar passagem nas cachoeiras, conforme affirma o coronel Pereira Labre, que não ha muito tempo viajou por aquellas cachoeiras, indo do Amazonas á Bolivia, em explorações. «Nesse percurso encachoeirado, diz o intrepido viajante, de Santo Antonio á barra do Beni ha 15 catadupas formidaveis, além de muitas corredeiras; muitos perigos

e trabalhos tivemos de vencer. Só póde avalial-os quem por ellas transitar.» Descrevendo o modo por que os trabalhadores fazem a carga, e descarga dos batelões, conduzindo por terra e a grande distancia, nos hombros, mercadorias pesadas, com um sol ardentissimo, e pisando sobre pedras tão aquecidas pelo sol que ás vezes queimam e esfolam as plantas dos pés, o coronel Labre reconhece que só o nosso caboclo, só o indio boliviano é capaz de tanto sacrificio, e exclama fazendo votos para que cesse esse estado de cousas! E é verdade que todos que por alli passam consignam que é rara a viagem em que não se tenha de lamentar o desapparecimento de um ou mais companheiros, já por insolação devida áquelles penosos trabalhos de varar por terra cargas e batelões, já mesmo devido a desastres nas cachoeiras.

* * *

Entretanto alli ha uma industria, que lutando com milhares de difficuldades, vae se desenvolvendo ainda que mui lentamente; e si lhe derem valvulas por onde possa respirar, ha de crescer, ha de desenvolver e ha de mudar completamente as condições de vida d'aquellas regiões. O Sr. Balbino Maciel, filho da cidade de Matto-Grosso, descendente de João Antunes Maciel, Miguel Antunes Maciel e Gabriel Antunes Maciel, o sertanista ousado que nos tempos dos capitães-generaes pretendia a juncção das aguas do Prata ás do Amazonas, tem creado e desenvolvido no valle do Guaporé a industria extractiva da borracha, dando provas de energia e força de vontade pouco communs. Reunindo numeroso pessoal, fazendo-lhe adiantamentos, e creando um corpo especial de trabalhadores e remadores nas cachoeiras, tem sustentado ha annos aquella industria. E' assim que estão estabelecidos

com barracas desde muito antes do Forte do Principe da Beira até Villa-Bella, florescente povoação boliviana, na foz do rio Beni, onde tem grande casa commercial, importadora de mercadorias.

No alto Guaporé, na margem esquerda do rio Verde e nas do rio Paragahú, em territorio boliviano, estão os doutores D. Emilio Penha e D. Juan Vespa, associados com D. Agustin Landivar Roca, prefeito do departamento de Velasco, com pessoal numeroso occupado na extracção da seringa. Elles vêm de Sant'-Anna, Bolivia, com carretas trazendo generos alimenticios e mercadorias; embarcam, em galeotas tocadas a remo, em frente ao porto da cidade de Matto-Grosso, e descem para as suas barracas.

Feita a safra, voltam á Matto-Grosso, largam as embarcações, e em carretas levam a borracha para Sant'Anna, e depois para Santo Coração, fazendo grandes viagens, e procurando Corumbá por onde fazem a exportação. No rio Beni, para não citar outras, fallaremos da grande exploração do Dr. Vacca Diez, senador boliviano, já fallecido. As suas barracas principiam logo acima da cachoeira da Esperança ; occupam uma área immensa, procurando o valle do Mamoré; tem um pessoal de mais de 300 homens occupados na extracção de borracha, cacáo, castanhas; exporta annualmente de 300 a 400 mil kilogrammas de borracha.

* * *

Está, pois, demonstrado que no Guaporé, e além abaixo, já existe o trabalho, e floresce, através de mil difficuldades, uma importante industria; o que falta é retemperar-lhe as forças, dando-lhe os instrumentos necessarios que não são outros senão—transporte facil, prompto e barato dos productos por estradas commodas e seguras por navegação rapida. O projecto, pois, dos Srs. Maciel & C.ª é da maior actualidade, e impõe-se ao estudo dos homens publicos do Estado.

# As tres secções da linha

### Sua exequibílidade

No contracto dos Srs. Maciel & C. com o Governo do Estado, conforme se vê da 1ª condição, aquelles sanhores se obrigam a construir uma estrada de rodagem ou de ferro que ligue os rios Alegre e Aguapehy e a estabelecer a navegação a vapor nos rios Mamoré, Gauporé, Alegre, Aguapehy e Jaurú, creando-se assim uma linha mixta de communicações. Dos estudos que fizemos sobre os rios Alegre e Aguapehy (vide o itinerario), declaramos que esses rios não são navegaveis ; que suas aguas de Julho a Dezembro se escasseam extraordinariamente ; e se subdividem em uma serie de lagoas, algumas aliás profundas, como no Alegre, que ás vezes o rio é simplesmente um fosso ; e que portanto não se deverá continuar hoje a sustentar aquillo que em 1772 pareceu possivel ao capitão-general Luiz Pinto de Souza Coutinho, isto é, abrir um canal que communicasse as aguas do Alegre e Aguapehy e portanto as do Amazonas e Prata—para o estabelecimento de navegação nas duas maiores bacias d'agua doce da America. Muitas memorias correm impressas sob o titulo—Juncção do Amazonas ao Prata—e seus autores pretendem mostrar a navegabilidade do Alegre e Aguapehy, justificando assim a vantagem da abertura do canal que os

papeis velhos da secretaria dos antigos governadores dizem poderá ter o comprimento ora de 3020 braças ora de 3332.

E' certo que no governo de Luiz Pinto, em 1772, em Março (mez de maiores cheias dos nossos pantanaes, como todos aqui sabem)—fóra varada do Alegre para o Aguapehy uma canoa de dez remos pertencente a Gabriel Antunes Maciel; mas Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, o capitão-general que mais trabalhou em beneficio desta terra, e que sempre viveu cercado dos melhores auxiliares, em 1773 não poupou recursos, e mandando auxiliar o comboieiro Gabriel Antunes, que voltava do Rio de Janeiro, trazendo mercadorias,—vio frustradas todas as suas diligencias. E assim disse ao ministro de ultramar «não poderão ser bastantes todos os esforços juntos para acabar de subir o Aguapehy até a paragem proporcionada ao varadouro, pela falta das aguas, sem embargo de se intentar esta operação no mez de Abril, em que ellas costumam reinar com mais força. Foi finalmente obrigado Gabriel Antunes a abandonar a empreza, retrocedendo ao antigo ponto do rio Jaurú, donde seguio por terra á esta capital.» Deve, pois, ser desprezada a idéa da juncção dos rios Alegre e Aguapehy, e a linha de communicações se comporá portanto de tres secções, a saber—navegação do Guaporé; estrada de rodagem ligando o Guaporé ao rio Jaurú; navegação do Jaurú.

# RIO JAURU'

Pela leitura do itinerario de viagem facilmente se comprehende a adaptação do rio á navegação. Entretanto vamos mostrar os melhoramentos que são alli precisos, e para isso dividiremos o rio em duas secções—: a primeira—de sua foz ás Lages; a segunda—das Lages ao Registro. Na 1ª secção a maior largura encontrada foi de 97,m25; a menor de 25m. A profundidade normal foi de 1,m5 a 2,m00, no canal. Nas voltas quasi sempre foi de 2,m00 a 3,m00. Nessa extensão, que calculamos por 120 kilometros, só temos dois passos difficeis, a corredeira da Pederneira, e a do Limão. Na primeira o canal está a margem direita, bem encostado no barranco. A profundidade encontrada no canal foi de 1,m00, agora que estamos na maior secca. O leito do rio é formado quasi que totalmente de pedras soltas, de dimensões variadas. Longe do canal se notam pequenas cabeças de rocha, guardando entre si distancias ás vezes de 3 metros, sahindo á superficie d'agua e repiando-a, formando assim a corredeira. E' facil, pois, melhorar o canal, assegurando a navegação. Vem depois a corredeira do Limão. Nesse passo a agua é mais escassa. Sondamos e verificamos que a agua tem apenas altura de 0,m30. Esse canal ainda á margem direita está nas mesmas condições que o da Pederneira; póde ser melhorado, e é facil abrir canal largo e fundo no

meio do rio. Assim mesmo como estão—esses canaes dão accesso a pequenos vapores, desde que bons praticos os guiem. Na 2ª secção temos a cachoeira das Lages, a das Antas, a da Montezia, e as corredeiras do Urubú da Fumaça e do Pai-Pedro. E' preciso antes de tudo ficar aqui consignado muito claramente que na parte por nós estudada, o rio Jaurú não tem cachoeiras—porque absolutamente não existe descontinuidade de nivel ou quédas d'agua. Aquellas denominações de cachoeiras são, pois, improprias. Nas Lages o canal é largo e bastante profundo. Está á margem direita do rio, e o melhoramento consiste apenas na remoção de enormes troncos de madeira que ahi estão, e derrubar as mattas das margens. Nas Antas o grande canal, assaz profundo, está no meio do rio; ha porém necessidade de se arrasar duas ou mais pedras que concorrem para formação de um rodomoinho, e que podem influir na direcção da embarcação. Feito isto, passará ahi, sem risco algum, qualquer vapor semelhante aos que estão sulcando as aguas do alto Paraguay. Temos depois o passo de Montezia. O rio ahi se alargou; acima do passo ha tres pequenas boccas por onde o rio divide as suas aguas. O canal grande do rio está, pois, empobrecido. E' facil, portanto fazer passar as aguas somente pelo grande canal; assim desapparecerá o obstaculo á navegação. Por ultimo temos a considerar as corredeiras do Urubú e de Pai-Pedro, que facilmente podem ser melhoradas. Nesta secção o rio é quasi sempre mais largo; tem bonitos estirões, e a profundidade é um pouco menor.

* * *

Como se sabe, temos muitos rios no Brazil, cuja navegação tem sido pouco a pouco conquistada pelos recursos da arte e da sciencia, e para não fazer citações, lembraremos apenas o rio Parnahyba, no Estado de Piaúhy, que tem hoje, navegados por vapor, perto de 2.000 kilometros, que foram abertos a dynamite; o S. Francisco, que, outr'ora cheio de obstaculos, banha alguns Estados da União, tem sido extraordinariamente melhorado, valendo-se da dynamite e de outros recursos como barragens, molhes e diques, o Mogy-guassú, em S. Paulo, que vae dia a dia melhorando. Neste rio a companhia Estrada de Ferro Paulista mantém desde muitos annos, e com muita vantagem para seus interesses, navegação a vapor até sua confluencia no Rio Pardo. A companhia até ha poucos annos possuia 4 vapores, todos de roda á popa, de fundo de aço galvanisado, e calando, quando carregados (note-se bem) 0,m42 até 0,m33. O maior dos vapores «O Conde d'Eu» reboca chatas carregadas com 28 toneladas de carga, e faz 9,5 kilometros por hora aguas acima.

Asseguramos, pois, que com pequeno dispendio ficará garantida a navegação do rio Jaurú.

## Estrada de rodagem

Pelo que vimos e observamos nos ligeiros estudos que fizemos, podemos sustentar que raras vezes se encontrará em nosso paiz tamanha extensão de terreno, cujas condições topographicas mais favoreçam a abertura de uma estrada de rodagem, ou a collocação de trilhos para ferro-via. Em todo o percurso de 120 kilometros que podem ficar ainda reduzidos talvez a 115 ou menos por melhores estudos, na occasião do inicio dos trabalhos—não se encontram accidentes geographicos de importancia.

* * *

Não ha senão pequenos corregos; não ha morros ou valles a transpôr que mereçam taes nomes. Ha collinas facilmente accessiveis, e vargens baixas que em certos lugares precisam de aterros e de outros melhoramentos. Ha muita matta que demanda trabalho de roçados, derrubadas e destocamentos.

* * *

Tendo em vista a topographia do terreno, e os preços de diversas obras pubiicas do Estado, formulamos o orçamento que se vê adiante para abertura da estrada de rodagem que ligue o rio Jaurú ao Guaporé. Elle está organisado com a mais rigorosa economia.

# O Alto Guaporé

No porto da cidade, bem defronte á igreja de S. Antonio dos Militares, o rio tem 94,$^{m}$44 de largura; a profundidade maior no canal é de 2,$^{m}$30; a velocidade é de 0,$^{m}$63 por segundo ou 2.448 metros por hora. O dispendio é de 90.400 litros por segundo. Pode-se dividir a extensão por nós explorada em duas secções — secção de margens firmes ou altas e secção de margens pantanosas, que é a maior, Ali o rio é sempre mais largo, menos fundo e menos obstruido; aqui o rio é muito profundo, menos largo, e mais obstruido e muito sinuoso. Não ha, porém, em todo o trecho explorado uma só cachoeira ou pedra que estorve a navegação. Ha, porém, necessidade de muita limpeza, já no leito do rio, já nas margens. Estão orçadas as despezas para estes serviços, conforme se vê mais adiante; baseamol-as na experiencia adquirida na viagem, nos gastos feitos, etc., etc.

* * *

# ORÇAMENTOS

| | Nº. de Ordem | Nomes das verbas | Custo de cada verba | Total |
|---|---|---|---|---|
| Rio Jaurú | 1 | Roçado de mattas nas margens ............ | 3 000$000 | |
| | 2 | Remoção das madeiras do leito ................ | 3.000$000 | |
| | 3 | Melhoramento dos passos difficeis ............ | 15:000$000 | |
| | | Total.......... | .......... | 21.000$000 |
| Estrada de Rodagem | 1 | Roçados, destocamentos, limpezas ............ | 10 000$000 | |
| | 2 | Aterros e córtes ........ | 5:000$000 | |
| | 3 | Pontilhões ............ | 4:000$000 | |
| | 4 | Galpões no Registro e no Guaporé............ | 5 000$000 | |
| | | Total.......... | .......... | 24:000$000 |
| Rio Guaporé | 1 | Roçado de matas nas margens ............ | 5:000$000 | |
| | 2 | Desobstrucção comprehendendo: remoção de madeiras, capim e agua-pés ........... | 8 000$000 | |
| | 3 | Melhoramentos de algumas voltas do rio.... | 4 000$000 | |
| | | Total........... | .......... | 17:000$000 |

# Facil transformação da estrada de rodagem em ferro-via

### Orçamento para uma ferro-via de bitola de 0,m76 e 120 kilometros de desenvolvimento

O notavel engenheiro americano William Roberts, já fallecido, um dos maiores technicos do mundo, a proposito da antiga provincia do Espirito-Santo, dizia em 1884 ao ministro de Agriculturao, em minucioso relatorio: «Depois de ter visto uma grande parte da região occidental desta provincia, de ter estudado as suas condições passadas e presentes, e tanto quanto me foi possivel, as suas condições futuras, parece-me que o methodo mais vantajoso para desenvolver os seus recursos internos, assim como os da parte da provincia de Minas-Geraes que lhe fica fronteira, é o de estradas de ferro muito economicas e de bitola muito estreita, projectadas, locadas e construidas de modo a custarem menos por kilometro do que qualquer outra estrada até hoje construida no Brazil em regiões semelhantes.

Um plano geral de estradas de ferro, baseado sobre o systema de estradas de bitola muito estreitas, póde ser adoptado nesta região, virgem de estradas, como sendo o mais economico e o mais vantajoso, tanto para o governo como para o povo. Sobre uma linha de dois pés de bitola pode-se montar carros, offerecendo aos passageiros confortos regulares e transportar commoda e economicamente, para os portos maritimos ou para os pontos onde termina a navegação dos rios que para elles correm, todos os productos de uma região novamente aberta e cujo desenvolvimento fôr vantajoso. Se taes estradas de ferro economicas não servirem para desenvolver os desertos

interiores do Brazil, promovendo a sua colonisação e cultura, muito menos servirão estradas de qualquer outra bitola custando o dobro por kilometro. Demais, se com um certo capital applicado a estas linhas economicas se construem 200 kilometros, construir-se-hão sómente 100 kilometros ou menos com este capital, applicado a linhas de bitola larga como as que têm sido construidas no Brazil.»

Si agora acompanharmos o illustre Dr. Francisco Picanço no estudo que fez da nossa viação ferrea, e considerarmos o seu custo kilometrico podemos organisar o seguinte quadro :

| N. de ordem | Designação das verbas | ESTADOS | Bitola Metrica | Custo kilometrico |
|---|---|---|---|---|
| 1 | E. F. Araruanna......... | Rio de Janeiro.,.,. | 0,95 | 18:616$999 |
| 2 | E. F. S. Jeronymo....... | Rio Grande do Sul... | *Estreit* | 21:400$000 |
| 3 | E. F. Oeste de Minas..... | Minas Geraes.,.,.. | 0,76 | 22:627$646 |
| 4 | E. F. Mogyana.......... | S. Paulo.. | 1,00 | 23:741$780 |
| 5 | E. F. Mogyana (prolongam.)................. | S. Paulo.. | 1,00 | 25.868$000 |
| 1 | E. F. Santos a Jundiahy.. | S. Paulo.. | 1,60 | 169:466$546 |
| 2 | E. F. Central............ | Rio de Janeiro..... | 1,60 | 133:185$482 |
| 3 | E. F. Recife a S. Francisco | Pernambuco,.... | 1,60 | 131:271$111 |
| 4 | E, F. Bahia ao S. Francisco | Bahia..... | 1,60 | 129:724$339 |
| 5 | E. F. Paraná............. | Paraná... | 1,00 | 104.118$175 |

que corróbora tudo quanto disse o Sr. Roberts em relação á diffarença dos preços das ferro-vias.

* * *

E' pois claro que devemos adoptar á bitola estreita para a ferro-via que pelo futuro tiver de ligar os rios Jaurú e Guaporé; e do estudo que fizemos d'aquellas cinco vias ferreas de bitola estreita vamos deduzir o orçamento para o caminho de ferro dos Srs. Maciel & Comp.

* * *

Foi o engenheiro Ribeiro Lisboa quem estudou e dirigiu quasi todos os trabalhos de construcção da E. F. Oeste de Minas. Essa estrada n'uma extensão de 100 kilometros atravessou terrenos bem accidentados, que exigiram a construcção de 67 pontilhões, mais de 200 boeiros, e tres pontes, sendo uma de 49 metros de vão, outra de 28, e outra de 22. O movimento de terras—córtes e aterros—foi enorme.

* * *

Aquelle illustre engenheiro orçou em 18 contos de réis o custo kilometrico, e não 22:627$640, como consta do relatorio da companhia, e que tomamos na organisação do quadro. Em uma memoria que publicou quando os 100 kilometros da estrada estavam quasi promptos, disse: «A despeza total da estrada, depois de tudo concluido, será de 1:800 contos de réis. Até o presente tem-se gasto perto de 1:700 e o que falta a despender é perfeitamente calculado por estar tudo contractado, além de serem poucas as obras a fazer. A que mais avulta é a das officinas. Notando-se que tem se pago juros de dinheiro durante a construcção, —ver-he-ha que estradas como estas podem ser feitas á razão de 17 contos de réis por kilometro.»

O orçamento foi assim organisado pelo engenheiro Lisboa :

## E. F. OESTE DE MINAS

### ORÇAMENTO

| N. de Ordem | Designação das verbas | Custo de cada verba | Custo kilometrico |
|---|---|---|---|
| 1 | Juros durante a construcção | 100:000$000 | 1:000$000 |
| 2 | Despezas geraes........... | 70:000$000 | 700$000 |
| 3 | Administração technica.... | 120:000$000 | 1:200$000 |
| 4 | Preparação do leito........ | 660:000$000 | 6:600$000 |
| 5 | Telegrapho.............. | 17:000$000 | 170$000 |
| 6 | Dormentes e madeiras para pontes................. | 140:000$000 | 1:400$000 |
| 7 | Material fixo............. | 330:000$000 | 3:300$000 |
| 8 | Assentamento da superstructura................. | 120:000$000 | 1 200$000 |
| 9 | Material rodante........... | 160:000$000 | 1:600$000 |
| 10 | Officinas.................. | 60:000$000 | 600$000 |
| 11 | Diversas.................. | 23 000$000 | 230$000 |
| | | 1.800:000$000 | 18:000$000 |

Como se vê do nosso itinerario de viagem, aliás escripto com toda a minuciosidade, as condições topographicas da região que se estende do Jaurú ao Guaporé não podem absolutamente ser comparadas com as da que é percorrida pela E. F. Oeste de Minas; por isso acreditamos que os competentes não nos julgarão tão optimistas de modo a não prestarem attenção ao orçamento que vamos formular. Nelle não levamos em consideração o valor actual da nossa moeda, porque o estamos estabelecendo em comparação com outros orçamentos feitos quando a nossa moeda não soffria oscillação em seu valor.

Entretanto, em qualquer tempo, póde-se fazer entrar no orçamento essa consideração. Vejamos o orçamento.

* * *

# E. F. DO JAURU' AO GUAPORÉ

## ORÇAMENTO

| N. de ordem | Designação das verbas | Custo de cada verba | Custo kilometrico |
|---|---|---|---|
| 1 | Estudos e trabalhos preliminares.................. | 12.000$000 | 100$000 |
| 2 | Locação.................. | 12.000$000 | 100$000 |
| 3 | Roçado, destocamento etc.. | 12.000$000 | 100$000 |
| 4 | Preparação do leito—aterros e córtes................ | 396:000$000 | 3:300$000 |
| 5 | Material fixo { 1º Dormentes, trilhos, chapas, pregos, parafusos etc. 2º Nivelamento, lastro e levantamento 3º Assentamento da linha. | 897:120$000 | 7:476$000 |
| 6 | Obras de arte—pontilhões e boeiros................ | 120:000$000 | 1:000$000 |
| 7 | Material rodante.......... | 240:000$000 | 2:000$000 |
| 8 | Telegrapho................ | 40.800$000 | 340$000 |
| 9 | Edificios e officinas........ | 120 000$000 | 1:000$000 |
| 10 | Administracção e direcção technica.............. | 144:000$000 | 1:200$000 |
| 11 | Eventuaes................ | 166 080$000 | 1:384$000 |
| | | 2.160:000$000 | 18:000$000 |

A maior verba do orçamento é a de nº 5. Maís do dobro da que se vê no orçamento da linha mineira. Entretanto ahi figuram os dormentes que, sendo a maior parcella depois dos trilhos para todas as linhas ferreas, na secção via-permanente ou material-fixo — deve aqui ser bastante reduzida, porque abundam extraordinariamente ao lado da estrada. Essa differença dá margem sufficiente para assegurar o preço e frete dos trilhos, chapas, pregos e parafusos, etc., que serão importados.

* * *

Segue-se a verba nº 4. Preparação do leito. Aterros e córtes. Não será grande, affirmamos, o movimento de terra. Não se farão escavações em rochas, e os córtes serão insignificantes.

* * *

Vem depois a verba—material rodante. A linha mineira tinha 4 locomotivas e 40 carros de todas as classes. E' claro que tendo-se em vista as condições da zona que se quer servir com uma linha ferrea, não se precisa senão de metade dos carros, e nos parece excusado continuar a demonstrar que com 2.160 contos de réis ou muito menos (porque acreditamos que os 120 kilometros podem descer a 115 ou a menos ainda)—poderão os Srs. Maciel & C., tão patriotas como emprehendedores, levar áquellas regiões, prenhes de riquezas naturaes, a locomotiva, que indubitavelmente é o primeiro vehiculo do progresso social.

* * *

# Itinerario de viagem

## DIA 25 DE AGOSTO

A's 2 horas da tarde embarcamos no porto de S. Luiz de Caceres e descemos o rio Paraguay em procura do rio Jaurú, cujas condições de navegabilidade vamos reconhecer e explorar. A nossa embarcação é um batelão de capacidade para 200 arrobas de carga; tem 12 metros de comprimento, e sua maior largura é de 1,$^{m}$20. Vae calando 0,$^{m}$40, leva munição de bocca por tres mezes para 20 homens. Uma montaria vae como auxiliar do batelão, destinada para as sondagens e todos os reconhecimentos minuciosos. Abaixo do porto da usina da Ressaca, pertencente ao Dr. Joaquim A. da Costa Marques, nas Campinas e á margem direita do rio, sob alta mattaria, fizemos pouso ás 5 horas da tarde.

## DIA 26

A's 6 horas sahimos. Até aqui o rio Paraguay, que está na sua maior vasante, tem aguas sufficientes para navegação de grandes vapores. Sua largura vae variando de 100 a 150 metros. Deixamos, á margem esquerda, a bocca do ribeirão Facão, e ao meio dia fizemos alto de almoço. A's 4 horas passamos a volta do Tuyúyú, deixando á nossa direita a barra do corixo Padre Ignacio, que banha os campos da fazenda nacional da Caissara. Pousamos no logar conhecido por Jatobá.

## DIA 27

Cedo passamos, do lado esquerdo, a barra do ribeirão Jacobina. Em seguida deixamos a ponta do morro de Simão Nunes e a bahia do mesmo nome, tambem á nossa esquerda. Só agora, depois das Campinas, estamos vendo mattas altas; pela direita as mattas são todas alagadas, e muitos corixos formam deste lado os limites da Caissara. A's 9 horas chegamos á barra do Jaurú, que suppomos a nove legoas abaixo da cidade, e não sete como todos querem. Tanto este rio como o Paraguay estão em suas aguas minimas. Leito de areia branca, fina, e movediça. O canal muda constantemente na foz. Elle é agora bem largo e fundo, e está encostado á margem esquerda. O rio, tem na foz á direcção N O azimut 60º Até ás 11 horas tinhamos feito 11 voltas. Passamos depois do almoço o retiro da Barra, da grande fazenda de criação de gado da Sociedade anonyma «Produits Cibils». O retiro está á margem direita. Ha uma casa de telha, muitos ranchos, e cercados de arame, geralmente mal feitos. Direcção do rio, aqui no retiro, N E azimut 320º Seguese longo estirão de 400 metros. Com 30 voltas chega-se ao Barranquinho, á margem esquerda. Duas voltas acima do Barranquinho fizemos pouso.

## DIA 28

A's 6 horas partimos. Vamos sondando o canal, e tudo vae a nosso contento. O rio está largo, profundo e desimpedido. As aguas nas maiores cheias sobem, sobre as actuaes, $1,^{m}10$ a $1^{m},20$, conforme se vê nos barrancos e nos arvoredos. Póde-se dizer que até aqui a profundidade normal é de $1,^{m}50$ a $2^{m},00$. Temos encontrado até de 4 metros. Com 15 voltas passamos o mais alto barranco que temos encontradp, talvez de seis metros de altura. Está á margem esquerda. O rio

faz voltas muito pronunciadas; não alcançam as zingas. Corre muito. Ao meio dia paramos para o almoço.

Ha longos estirões que facilitam a direcção das embarcações. Com 40 voltas chegamos ao retiro das Onças, á margem direita, da mesma sociedade «Produits Cibils». Antes de chegar ao retiro ha algumas voltas que precisam ser melhoradas, isto é, retirar muitos páos que estão no canal.

DIA 29

A's 9 1/2 sahimos das «Onças», onde o rio toma a direcção N E azimut 320º As 11 horas passamos o porto de João Gonçalves. O rio faz aqui volta muito curva, estreita-se e corre muito. Depois de 14 voltas, ha bonito estirão de 600 metros, onde o rio é bastante largo e profundo. Até agora é o mais comprido estirão que temos visto. Está limpo e desobstruido. Todo o leito é arenoso. Depois de 22 voltas principiam a apparecer muitos páos, que precisam ser retirados. Mais adiante apparece a primeira corredeira da Pederneira. Temos já pedras soltas no fundo do rio que é bem largo. O canal está na margem direita, bem encostado ao barranco. A velocidade das aguas, agora que o rio está muito baixo, é grande. Profundidade maior aqui neste passo é de 1,m00. Requer este passo melhoramento. Adiante está o porto do antigo retiro da Pederneira da fazenda Cibils. Com 26 voltas fizemos pouso.

DIA 30

A's 6 horas seguimos viagem, deixando á nossa direita, desde a barra do rio, a fazenda nacional do Caissara. Depois de quatro voltas passa-se o retiro do Sr. Victorio Deluqui, á margem direita, onde ha uáuássusál e muitas bacaiuveiras.

Logo acima do retiro, ha uma corredeira. Principiam a apparecer grandes figueiras que mandam os seus galhos até o meio do rio. O canal vae encostado na margem direita. Profundidade na corredeira 1,$^{m}$00. Depois de 10 voltas chega-se á corredeira do Limão, assim chamada por causa dos limoeiros que se vêm á margem esquerda. Pouca agua. Apenas 0,$^{m}$80 de profundidade. Sondamos bem o canal, e verificamos que se póde aprofundal-o, melhorando-o assim, e garantindo a navegação. Com 19 voltas, já proximo ao Campo Alegre, ha um grande estirão, talvez de 400 metros, e logo em seguida, um baixio no meio do rio; ha porém canal largo e fundo em ambas as margens. E' Campo-Alegre a fazenda do Sr. Deluqui. Por ahi passam todos os que vêm da Bolivia com direcção á Caceres, quando não procuram a Fumaça, Acima de Campo-Alegre ha uma ilha; subimos pelo canal da direita. O outro é tambem navegal. Fizemos hoje 21 voltas.

## DIA 31

A's 6 deixamos o pouso. A's 8 1[2 tinhamos feito oito voltas. O rio vae franco á navegação. Alguns páos que podem ser retirados facilmente. Com 23 voltar o rio se estreita um pouco; mas está bem profundo. Está variando a profundidade entre 1,5 a 2 metros. Nas voltas, como sempre, a profundidade é grande.

A's 2 horas paramos para almoçar, junto a bahia de Joaquim Torquato e ahi pousamos á espera de um companheiro de viagem, que vinha se reunir a nós, tendo feito durante o dia 30 voltas.

## 1 DE SETEMBRO

Até ás 8 horas viajamos em rio um pouco estreito, mas profundo e desempedido. Alaga-se em uma e outra margem. Depois de 13 voltas passa-se a Salobra, e logo adiante a capoeira de Pedro Leite, á margem esquerda. Ha um trecho do rio bem obstruido por madeiras. Facil a desobstrucção. Tendo feito 22 voltas fizemos então alto de almoço. Com tres voltas passa-se á margem esquerda, um alto barranco, talvez seis metros de altura, de terra vermelha, e mais ou menos á prumo. Apparecem depois terrenos alagados; em seguida ha outro barranco e depois de 12 voltas, na mesma margem esquerda, ha o barrancão, o maior de todos, de barro vermelho, em cima, e areia manteiga em baixo. O rio sempre profundo nestes barrancos; tem tres e ás vezes cinco metros de profundidade. A correnteza das aguas é grande. Encontra-se um ou outro páo no rio. Com 23 voltas passa-se morro da Fumaça, á margem direita, coberto de espessa mattaria; e depois de 50 voltas fizemos pouso.

## DIA 2

A's 6 1|2 horas sahimos. A' nossa frente, com o maior desembaraço, vai atravessando uma onça pintada. Corre a montaria em sua persiguição; mas os atiradores, por mais que se esforcem, não conseguirão matal-a. A' margem direito passamos o "Carregador," pequena engenhoca de Antonio Pedro. Muitas figueiras pelas margens do rio, ameaçando cahir e obstruir os canaes. Rio estreito com 25 metros nas voltas, e largo nos estirões. Com 26 voltas chega-se á Fumaça, á margem direita, fazenda de Antonio Pedro. Está situada na entrada d'uma bahia. Ahi almoçamos.

A's 3 horas sahimos. Da Fumaça á corredeira, pequena vivenda de José Pinto, á margem esquerda, ha mais tres voltas do rio. Com o total de 42 voltas fizemos pouso no porto do Caethé, á margem esquerda. Muito peixe e muita caça. As aves abundam extraordinariamente. O mutum, o jacú-caca, a jacútinga, arancuam e patos, mata-se á discrição. De tres dias á esta parte temos nos fartado de caça. Vai-se assim poupando a carne secca. Estamos todos gosando saúde, apezar do sol ardentissimo que se aguenta na canoa. A tripolação vai alegre, certa de que está prestando serviços importantes.

## DIA 3

O que temos visto pelas margens do rio até hoje não é nem campos continuos, nem mattas seguidas. Pela morgem esquerda até a barra no Paraguay a maior extensão das terras pertence á Caissara, outr'ora tão rica de gado. Ahi ora se vêm campos lindissimos; ora mattas. Deste lado, a partir do retiro do Sr. Vietorio, as terras pertencem á sociedade belga "Produits Cibils." Depois de 20 voltas chegamos ás Lages, fazenda do Sr. José Jorge da Cunha, á margem esquerda. Aqui apparece a primeira cachoeira, si tal nome merece uma corredeira, em que existem esparsos pequenas cabeças de rocha. Passamos para a montaria e sondamos cuidadosamente o rio. O canal está á margem direita, apenas obstruido por madeirões que ahi cahiram. Tem 5 metros de largura, é fundo, e susceptivel de ser ainda alargado. O Sr. Jorge trabalha na lavoura de cereaes; fabrica assucar e aguardente; extrahe poaia no alto Jaurú. Serra grandes partidas de taboas, e faz pranchas. Tem criação de gado vaccum e cavallar.

## DIA 4

Desde hontem que tenho doente um companheiro. Está atacado de febre. Com 16 voltas chega-se á Bahia-grande, á margem direita do rio, onde mora Januario Pinto de Miranda. Tambem cria gado. Logo adiante está a barra do rio Aguapehy. Tem ahi a largura de 8 metros; agua barrenta, esbranquiçada. Logo á sua entrada ha uma pequena bahia. Está trancada de páos e de agua-pés. Apezar de já conhecermos esse rio, que já atravessamos uma vez, muito acima de sua foz, no logar denominado Cherém, e no caminho que leva da Bahia-Grande ao Registro, subimos algumas voltas e vimos a pobreza de aguas. Esse rio só poderia ser negavel por batelões, nas cheias dos pantanaes, como estes o são, então, por canôas em todos os rumos. O rio córre em quasi toda a sua extensão por pantanaes, e póde agora ser considerado um verdadeiro corixo. Todos no Estado sabem que com as cheias de Fevereiro, Março e Abril o rio Paraguay e seus affluentes, todos os annos, crescem extraordinariamente, transbordam dos seus leitos, tranformam as formosissimas campinas dos municipios de Caceres, Poconé, Cuyabá, Miranda, um verdadeiro mar de agua-doce, e então pode-se, em batelões, viajar de um a outro municipio, seguindo qualquer rumo. De Maio em diante, porém, os rios principiam a baixar, e então rapidamente fogem as aguas dos campos e estes seccam. E' o que acontece com o rio Aguapehy; rico d'agua n'aquelles mezes, fica logo depois muito pobre, porque as suas vertentes são muito fracas.

## DIA 5

A's 7 horas estavamos viajando. Continúa doente João Tortorolio. Está accommetido de frebre intermittente; está tomando quinino, alternado com cap-

sulas de antypirina. Apparecem agora mais terras altas. Multiplicam-se as grandes figueiras pelas margens do rio; algumas lançam os seus galhos até o meio do rio; e variadas plantas trepadeiras, cipós grossos e finos, de multiplas especies, subindo e descendo fazem um tecido que nem sempre deixa passar o nosso batelão. A's 11 horas almoçamos no Salitre, á margem direita do rio, assim chamado por causa de muitos barreiros salitrósos, que ahi abundam e que o gado muito procura. Com 24 voltas fizemos pouso na cachoeira das Antas.

## DIA 6

O canal frequentado pelos batelões está na margem esquerda. Está obstruido de grossas madeiras. Passamos a manhã cortando páos e retirado-os do rio. Occupamos machados, serrotes e espias. No meio do rio ha canal largo e profnudo; póde ser melhorado. As poucas pedras que existem pódem ser arrebentadas. O canal tem ahi 5 metros de largura, e a profundidade vai até 3 metros. O rio aqui corre muito. Logo adiante estão os poções. Aqui as mattas já são largas, e explendidas para a lavoura. Apparece já muito uáuássusal. Com 8 voltas chegamos ao Formoso.

## DIA 7

Sahimos ás 6 da manhã. Em frente ao Formoso, grande estirão do rio. Aguas profundas, principalmente á margem esquerda. Logo acima está a cachoeira da Montesia. Como ha ahi algumas ilhas, acreditamos que montesia significa, na linguagem do matuto, muitas ilhas, como dizem um monte de agua, um monte de peixe. Passamos bem encostados á margem direita, sendo o batelão puxado á sirga. No meio do rio ha canal largo com 1,$^{m}$20 de profundidade.

Este passo é o mais difficil para os batelões. Não é difficil melhoral o. Ha tres braços do rio, acima da cachoeira, que fechados podem mudar completamente as condições do passo. Almoçamos ás 11 horas. Em seguida passamos o Pai-Pedro e o Urubú da Fumaça, que são fortes corredeiras para batelões. Encontramos 1,$^{m}$00 d'agua nos canaes. A's 3 horas chegamos ao Registro, tendo notado que do Pai-Pedro para cima poucas vezes o rio tem mais de 1,$^{m}$00 de aguas. Não continuamos a exploração para cima porque já conhecemos o rio; logo adiante do Registro se encontraram passos difficeis como o Arrasta-canoa, Amarra-sacco, Atravessa-canoa, e assim vão se multiplicando.

DIA 8

Falhamos hoje. Lava-se roupa e fazem-se outros preparativos para a viagem do sertão. Estamos á espera do Sr. José Jorge para fechar comnosco o contracto da conducção de cargas para Matto-Grosso.

DIA 9

Percorremos os arredores do nosso acampamento no intuito de achar a direcção mais conveniente para a futura estrada. Fomos além do corrego do Tombadouro, e verificamos que para os lados do sul ha terrenos baixos, talvez principios dos campos do Aguapehy.

DIA 10

Do ultimo rancho do destacamento, rio acima, assentamos a bussola, e alinhamos na direcção N O, azimut 60º Por mais de 1000 metros vai a picada correndo em terreno perfeitamente plano e arênoso. Chapadas limpas e vargens estreitas. Atravessa-se depois a grande matta do Tombadouro, sahe-se

n'uma chapada alta, e desce-se n'uma vargem. Tudo facil para estrada de rodagem ou via-ferrea. Terreno quasi nivelado, e madeiras de lei ao lado da estrada.

Os campos não são bonitos.

## DIA 11

Como temos de levar uma boiada de cargueiros, e não podemos adiantar sem elles, vamos transformando a picada em uma boa estrada e assim não perdemos tempo. Passando o corrego do Tombadouro, que desagua abaixo do Registro, no Jaurú, o traçado da estrada tem direcção S O, azimut 120º

Além do corrego se completou o numero de 6000 metros, ou a primeira legoa. Fincamos ahi um poste de madeira lavrada.

## DIA 12

Estamos, desde hontem acampados na vargem do Tombadouro. Podem vir carretas do Registro; a estrada está bôa. Continuamos trabalhando á espera de bois cargueiros. Com 12.000 metros chega-se á lagôa de João Pereira. Rodeada de frondósa mattaria. essa paragem de tantas palmeiras e tantas bellezas só entristece o homem pela certeza de que ahi só tem guarida índios bravios, tigres e outros brutos. A lagôa é grande, e a sua bacia tem a fórma circular. Ha muitos peixes, e por isso é frequentada pelos indios.

## DIAS 13, 14, 15

Com á demora dos bois, e não podendo ir adiante, temos melhorado a picada, que já é uma estrada desde a lagôa de João Pereira até o Registro.

## DIA 16

Hontem á tarde chegou-nos a tropa, trazendo-nos do Registro todos os recursos de viagem. Estamos alegres. Vai agora principiar a viagem do sertão. A's 8 horas sahimos da lagôa, deixando-a pela esquerda, e fomos almoçar no corrego das Antas, tendo percorrido esplendido chapadão, completamente assentado. Os picadeiros, armados de fouce e facão, marcham na frente. O rumo neste corrego é N O, azimut 60°. Este é uma pequena vertente ou um bréjo; não tem importancia. Não estorva as carretas. Sobe-se depois em altos e lindos chapadões, em que a vista do viajante se dilata e se perde diante da immensidade de tantos campos. São os campos do Santissimo, onde, dizem, outr'ora se criou muito gado. A's 3 horas da tarde se desencadeia sobre nós medonho pampeiro, acompanhado de chuva torrencial que nos vimos obrigados a rodear a tropa e esperar que a furia do vento e da chuva se aplacasse. Já se sabe, n'essas occasiões é lidar com cargas que os bois deitam por aqui e por ali, no chão e depois se desembestam pelos campos. E', porém, preciso muita paciencia, porque além de mais, esses pobres vão carregando peso, e destinados tambem a nos servir de matula no sertão, quando nos faltar o que comer.

## DIA 17

A chuva de hontem nos perseguio até o pouso, onde chegamos com a noute. Armamos as barracas no meio da maior confusão, os bois a correr, molhando as cargas; a gente apressada para salvar da chuva a bagagem e os cavallos assustados por se verem mettidos entre gente, bois, bruacas e tanta bagagem. Não podemos jantar. Apenas tomamos chá com bolachas.

A chuva continuou durante toda a noute. E a manhã de hoje se passou seccando a roupa, e bagagem. Os indios hontem aqui estiveram, pouco antes de nós chegarmos. A direcção é ainda N O azimut 60º A's duas horas da tarde pulamos o corrego do Santissimo, onde estavamos acampados. Tem 4 metros de largura, barranco de 1 1¦2 metro. Quando cheio transborda. Agora o corrego está todo cortado. Não corre. Matta estreita orla esse corrego. Pousamos na vargem das Poças.

DIA 18

Dessa vargem em diante o terreno é mui ligeiramente ondulado. A picada está seguindo o trilho velho, correndo hoje em campo. Tudo facil para estrada. Até aqui poucos aterros são precisos. Ao meio dia paramos no corrego do Imbirúçú para almoçar. Com 47 kilometros chegamos ao corrego das Lages, assim chamado por causa da abundancia de pedras que ahi se vem e que reputamos um granito. Sabe-se que o granito tem a mesma composição mineralogica que o gneiss; mas esta rocha tem os seus mineraes elementares dispostos em camadas parallelas, principalmente as micas (malacachetas). A rocha que vimos é bastante resistente ao golpe de martello, e serve perfeitamente para as construcções. Este corrego não tem importancia, e do mesmo modo o do Imbirúçú.

DIA 19

Tão logo se pula o corrego das Lages, onde pousamos, o rumo é N O azimut 40º Hoje o terreno é mais ondulado; está coberto de areia branca e grossa, onde abunda o quartzo grosseiro.

Passamos o corrego-fundo, que tem 4 metros de largura, e 2 metros de barranco. Precisa de pontilhão.

Todos os corregos que temos visto vão ao Jaurú, acima do Destacamento. Fomos dormir á margem direita do ribeirão dos Bagres. Este ribeirão vem do Norte, approxima-se da estrada velha e procura depois o Nascente, indo despejar suas aguas no Jaurú. O que se pula na estrada é uma grande vasante que vem lhe trazer aguas por occasião das chuvas.

Todos estes corregos, na secca, se transformam em poços d'agua aqui e acolá.

## DIA 20

Continúa o terreno ligeiramente accidentado. Atravessa-se matta alta de úaúassusal e uacory, o solo ahi é plano. Ao sahir da matta vae se deixando pela esquerda uma linha de morros, cobertos de mattaria; vae-se viajando pelas encostas, onde não ha grandes declives. Em seguida chega-se ao corrego do Bority redondo, que é apenas uma vasante de vargem, muito estreito e de muito pouca agua.

Continúa-se depois a deixar pela esquerda terrenos accidentados, e ás duas horas da tarde chegamos ao corrego do Cemiterio, n'uma vargem comprida e muito estreita, onde almoçamos. E com o total de 76 kilometros chegamos á vargem da Estiva. Os morrotes da esquerda desappareceram.

## DIA 21

Gastamos a manhã em exploração, procurando á direita e á esquerda melhor direcção, com o intuito de ver si é possivel encurtar o grande percurso da matta, onde vamos agora entrar.

Os indios por sua vez nos rodeiam, e não sabemos o que elles pretendem. Não nos apparecem. Me disse o pratico Zacharias de Oliveira, filho da cidade de Matto-Grosso, que por informação que tem, se-

guindo-se d'aqui em rumo de Poente pode-se chegar ao rio Alegre com 6 a 8 legoas de viagem; mas que ha mattas, e muitos brejos na approximação do rio. A matta com effeito vae cerrada em todos os rumos. A' tarde seguimos com os picadeiros, que foram dormir adiante preparando o caminho para a tropa.

DIA 22

O pequeno corrego da Estiva não vae aos Bagres, como se pensa e consta de algumas cartas geographicas; corre para o sudoeste, e nos parece que vae ao Alegre. Ao pular este corregosinho sahe-se n'uma estreita matta, e depois em largo e assentado chapadão, quasi nivelado.

Principia depois a mattaria, atravessam-se trechos de terrenos bem accidentados e chega-se ao lugar chamado Páo da Tolda. Neste percurso de 12.600 metros não se encontrou mais corrego. Aqui paramos para almoçar e seguramente aqui ficaremos hoje.

DIA 23

Falhamos hoje para descansar a tropa e prolongar a picada, porque a viagem agora é só em mattaria. A direcção é para o Poente.

DIA 24

São 8 horas da manhã. Estamos viajando por meio de mattas altas de úaúassúsal, úacurisal è cambaiúval. O terreno é plano. A's 10 horas principiam a apparecer, á nossa esquerda, a distancia de 500 metros, morros, cuja direcção é mais ou menos para o Norte. A estrada velha acompanha o morro, e nós tambem o vamos seguindo. A's 3 horas da tarde chegamos ás Lavrinhas; o morro que temos acompanhado

está bem á vista. Fica ainda á nossa esquerda. Estes morros fazem parte da serra de Santa Barbara, que está entre os rios Guaporé e Jaurú, de um lado; e Alegre e Aguapehy de outro. E' divisora das aguas do Guaporé e Alegre que correm para o Norte; e das do Jaurú e Aguapehy que vão para o Sul. Do arraial das Lavrinhas nada resta, sinão os grandes paredões da igreja, que ainda estão de pé. São de adobes. Tem 1,$^{m}$10 de largura. Todo o local occupado outr'ora pela povoação é hoje matta alta. Foi nos bem custoso descobrir as ruinas da igreja. São afamadas as minas dos arredores das Lavrinhas. Ha pela estrada enormes montes de cascalho lavado que fazem admirar os esforços empregados pelos antigos mineiros no serviço de mineração.

DIA 25

Ao sahir do pouso atravessamos um pequeno charco, na vargem das Lavrinhas. Precisa aterro, e ahi estão para isso os montes de cascalho. Entra-se depois em matta de angico e de piuvas; vamos agora para o Norte. Desce-se n'um charco, e entra-se na matta do Gama, que é plana, e tem o sólo consistente, coberto de pedregulho. Ao sahir da matta do Gama ha uma extensão de 200 metros, n'uma vargem, que necessita de aterros. Logo depois da vargem penetra-se na ultima matta que leva ao Guaporé, depois de se atravessar um estreito campo de provisorio. Eram tres horas quando vimos o rio Guaporé, que nos causou prazer e medo; prazer porque estavamos levando avante a nossa exploração, e medo porque ás aguas desse rio se emprestam tão más qualidades hygienicas que assustam os viajantes que delle se approximam.

## DIA 26

Emquanto a gente atravessa as cargas e os animaes para a margem direita, fui reconhecer o rio para cima e para baixo, por terra. Muitos vestigios de indios. A estrada de rodagem ha de seguir a picada que temos trazido desde o Registro. Penoso foi o trabalho da passagem de cargas, porque fôra feito em pelota e o rio é bastante profundo e corre muito. Abrimos portos em uma e outra margem. As margens são baixas, e, nas grandes cheias, se alagam. Ha porém reductos de terra firme. Largura do rio 31,m15; profundidade no canal 2,50 a 3,m00. Muitas piranhas no rio; não pudemos matar outros peixes. As piranhas são differentes das que conhecemos; tem os olhos completamente vermelhos.

## DIA 27

Hontem, do meio dia para tarde, dividimos a gente; uma turma foi abrir picada, depois que reconhecemos a matta, e a direcção a seguir. Hoje estamos de falha, deixando que se prolongue a picada, porque é absolutamente impossivel viajar sem esse trabalho. Hontem e hoje temos perseguido as piranhas para poupar a carne secca, porque não sabemos o que nos espera adiante.

## DIA 28

Enorme a mattaria. Tem 24 kilometros de extensão. Matta alta como nunca vimos. Não se compara com as mattas do Jaurú ou Paraguay. D'ahi o nome de Matto-Grosso. Tem pois a matta 10 legoas de largura; seis á margem esquerda e quatro á direita. Quem contempla essas mattas virgens, ricas de palmeiras de todas as especies, de orchydeas e de uma immen-

sidade de parasitas; quem contempla esse firmamento tão explendido, tão magnifico que alegra aquellas paragens, é obrigado a inquirir porque a Natureza, espalhando ali tantas bellezas e tantas riquezas, tem o homem conservado aquillo como sertão, tem considerado aquillo como uma região inhospita!... Mimo da Natureza aos matto-grossenses, terra tropical a mais rica da America, oxalá pudesse a voz, fraca do obscuro viajante erguer-se bastante para levar ali o trabalho, que é a vida, que é a civilisação! Ao sahir da matta a estrada vae deixando á esquerda morros que procuram o Norte. A's 6 horas da tarde chegamos á lagôa do Bority, não se tendo parado desde que se deixou o Guaporé, porque nessa extensão não se encontrou agua.

DIA 29

Está a lagoa do Bority no meio de explendida campanha, muito apropriada para criação de gado. Grande lagoa, porém pouco profunda. Não secca. O campo é só povoado de veados, que vivem perseguidos pelos indios, que frequentam muito este logar. Aqui já fizeram muitas carnificinas. De uma vez mataram nove pessoas, que viajando, largaram as armas, e foram colher mangabas. Atacados de surpreza, todos tiveram de succumbir. Aqui falhamos para descansar a tropa.

DIA 30

Do Bority em diante continuam bellissimos campos, sem rivaes no Estado. Os campos do Encantado. Coceira, Garcia e Pary dão para o estabelecimento de grandes fazendas de criação. Ha todas as variedades de pastos.

## 1 DE OUTUBRO

A's 10 horas do dia entravamos na velha cidade, indo descansar na casa do commandante do destacamento, o alferes José Alves Bastos, que, de accôrdo com seu irmão João Evangelista Alves Bastos, trataram logo de nos olhar uma casa para nosso agasalho e de toda a expedição. Verdadeiro acontecimento a nossa chegada ! Todos se reunem, e vêm nos ver. E' immensa a satisfação nos habitantes.

## DIAS 2, 3 e 4

Temos estado em preparativos de viagem ao alto Guaporé. Continuamos a gosar saude. Muita animação na população.

# Exploração do Alto Guaporé

## DIA 5 DE OUTUBRO

A's 9 horas da manhã nos dirigimos para o porto da cidade; uma bôa parte da população nos acompanhou. Uns nos encorajavam, outros nos desanimavam. Alguns temiam que fossemos atacados de febres, outros receiavam aggressão de indios. Estamos todos animados; somos 14 homens, e estamos embarcados n'uma galeota e duas pequenas montarias. Levamos mais tres fieis companheiros que desde Agosto nos acompanham e que consigno aqui os seus nomes — Triumpho, Mimo e Bugio; são tres cães que nos guardam com cuidado em todos os pousos. Ao sahir da cidade, rio acima, que é a parte que vamos explorar, ha lindo estirão que regula por 1|2 legoa. Profundidade menor 1,$^{m}$00. Ha uma ilhota no meio do rio, formada por bancos de areia branca que foram crescendo. No fim do estirão, á margem esquerda, está a vivenda do Sr. Zeferino. O local é muito pittoresco, porém o sitio não tem importancia. A's 9 3|4 passamos a fóz do rio Alegre, á margem esquerda. Muito estreita; a agua está esbranquiçada. Tem côr de aguas dos corixos dos pantanaes. Quando descermos teremos de exploral-o. Na 4ª volta o Guaporé está estreitissimo. Só tem 12 metros limpos; o resto da largura está coberto de capim e aguapés. Ha pouco, nesta volta, tentaram os indios flechar um companheiro do Sr. Ze-

ferino que levava, em canôas, cannas para a engenhoca. Atiraram muitas flechas e nada conseguiram. Desde que passamos o Alegre, o rio Guaporé está muito profundo. Capinsal, semelhante a arrosal, vae pelas margens. Estas vão se alagando. Depois de 15 voltas chegamos a um reducto de terra firme, chamado Fazendinha, conforme nos ensinou o caboclo Narciso, filho de Matto-Grosso, que vae comnosco. A's 11 1|2 estavamos ahi almoçando. A's 2 horas sahimos. Depois de 20 voltas, fomos encontrando pelas margens as palmeiras—carnahybas e boritys. Já viamos cortando boritys para podermos passar. Rio estreito e muito fundo e margens alagadas. São 4 horas da tarde, e estamos receiosos de não achar terra firme para pouso. Vegetação muito pobre pelas margens. São 5 horas da tarde, e não ha remedio, vamos pousar no brejo, porque o peior é anoitecer viajando. Fizemos hoje 44 voltas do rio.

## DIA 6

Não foi alegre a noite. Muito escura, chuvosa; e fóra da rede só se pisava n'agua ou na lama.

Quando se preparava para embarcar, dobrando e emalando as redes e os mosquiteiros, eis que descia um bôto, que, estranhando naturalmente tantas canôas e gente por aquellas alturas, deita o focinho de fóra, bem junto das embarcações, sopra com tanta força e assim foi fazendo e descendo o rio, que assustou devéras os companheiros que nunca o tinham visto. Mil commentarios, muitas explicações; e o pouso ficou chamado — pouso do bôto — á margem direita. O bôto é privilegio do Guaporé aqui no Estado.

Logo acima do pouso, á margem esquerda, linda bahia. Continúa o rio a não ter barrancos; aguas pela direita e pela esquerda. Muito fundo e estreito;

e muitos páos. Com 10 voltas chega-se a um pequeno estirão de terra firme. á margem direita ; com 20 voltas alcança-se o morrinho de Tertuliano Nicles, ainda a margem direita. Vai o rio limpo e proprio á navegação, largura até 30 metros. Até ás 11 horas fizemos 46 voltas. Desde ás 9 horas que impertinente chuva nos persegue; estamos todos molhados. Almoçamos no reducto do Bugio, assim chamado porque matamos um desses quadrumanos, que remettemos para o caldeirão. Nestas alturas, em lugares desconhecidos, sem saber-se quando será o dia de regresso, vai se comendo o que se matar. Os terrenos das margens—imprestaveis— alagados. Muitos boritys, cujos troncos tem 20,30 e mais metros de altura. Vai apparecendo a baunilha. Tem se cortado muitos boritys que, cahidos, atravessam o rio, e impedem a passagem das canôas. Operação difficil—lida-se com machados, serrotes e espias. Enorme profundidade do rio—3, 4, 5 metros ! Com 62 voltas o rio se divide em dois braços; seguimos o da margem direita. Muito estreito—10 metros apenas, mas póde facilmente ser alargado. A's 5 horas fizemos pouso, sobre charco, á margem direita; tendo feito durante o dia 64 voltas.

## DIA 7

Tristissima a noite. Todos se queixam e temem molestias por causa da humidade. Mattas de borytisal, guanandy, saran de leite e carnahyba. Imprestaveis. Apparece agora a palmeira assahy. Temos visto tantas palmeiras nos arredores da cidade de Matto-Grosso que ella bem podia chamar-se a cidade das palmeiras; já vimos:—uáuássú, uacory, assahy, bority, carnahyba, tucum-assú, tucum-mirim, castiçal, indaiá, guariroba, carnaúba.

A's 8 horas tinhamos feito 12 voltas, e logo de-

pois vimos pequeno trecho de terra firme. As margens do rio continuam muito baixas. Já estamos procurando terra firme para o almoço e não sabemos si acharemos. E' meio dia; já fizemos 32 voltas, e o rio vae muito profundo. Tem-se sondado constantemente, e a profundidade é sempre enorme. Estamos alegres, na esperança de que o rio seja bem navegavel. A 1 hora da tarde paramos para almoçar. O sol tem estado extraordinariamente quente. Ameaças de chuva, o que é uma tristeza para nós. Quem passa os dias e as noites sobre agua—não se alegra com chuva. Continúe o sol que lhe toste a pelle, séque a roupa e a bagagem,—porque o sol é a luz, e a luz é a vida—e por isso gritemos como Gœthe—mais luz. Vamos cortando muitos páos, e procurando logar de pouso. O rio fundo e com 25 metros de largura. A's 6 horas da tarde, com o total de 69 voltas fizemos alto para pouso. Sempre a mesma sorte — vamos pousar sobre agua; temos levado vida de lontras e capivaras.

## DIA 8

Uma serie de canaletes levam as aguas pelas mattas, e depois trazem-n'as para o rio. Esses canaletes com o correr dos tempos se alargam, transformam-se em braços do rio, e depois são outros tantos leitos. E' o que estamos observando neste rio para nós todo especial. Nas maiores cheias as aguas não sobem sobre as actuaes, mais que 0,m40. Está marcado nos troncos de boritys. Completamente differente de todos os rios do Estado. E convem notar que estamos na maior estiagem do rio. Do meio dia para tarde o rio tem se estreitado muito; e muito trancado de páos e boritys. Vai se trabalhando sem descanso, a serrote e machado. A's 3 horas da tarde reconhecemos que não navegavamos no verdadeiro canal do rio; pelo que

regressamos e fomos tomar o canal da esquerda que é o verdadeiro. Este está todo coberto de capim e aguapés; vai se viajando muito devagar. Os tripolantes pouco fallam—signal de tristeza. O capim está tão cerrado que deitando-se uma zinga sobre elle, podem dois homens pizar na zinga e empurrar para á frente o batelão sem irem ao fundo. Esta operação de correr o batelão por sobre o capim está se repetindo a todo momento. Vai difficultosa a viagem, e ahi vem a tristeza de nós todos. Muito cansados, só fizemos durante o dia 34 voltas do rio, e vamos ainda hoje dormir sobre agua.

## DIA 9

Precisa-se de muita coragem. As contrariedades vão se augmentando. A noute foi medonha. Além de armarmos as redes sobre charcos, cahio durante toda noute muita chuva. Estão as margens do Guaporé tão feias pelos alagados e pelo bamburro tecido que cóbre as aguas que até andam abandonadas pelos irracionaes; não se encontra absolutamente caça. Muitas vezes temos duvidado de sua nevegabilidade, mas logo vem um trecho do rio, limpo e fundo que nos alegra. Em profundidade não ha no Estado rio igual. São duas horas da tarde: estamos almoçando. Das 4 horas em diante viajamos sobre rio largo, limpo e muito fundo, nos compensando assim de tantos desgostos que temos tido de hontem para hoje. A chuva tem nos perseguido desde logo depois do almoço; mas como temos visto terras firmes á margem direita, só fizemos pouso ás 6 horas da tarde, tendo feito 36 voltas.

## DIA 10

Bonitas mattas onde dormimos. São mattas de poaia. Todos se regalaram de dormir—porque já não tinhamos agua sob os pés, na barraca. Reapparece a animação. A's 6 1|2 estavamos viajando. Depois de 15 voltas passamos uma ilhota, no meio do rio. Ahi o rio corre muito e é muito fundo. Largura do rio 25 metros. Limpo e desobstruido. Depois de termos viajado 34 voltas, apparece o rio dividido em 3 boccas, e nós ficamos logo descontentes. Todas similhantes; qual será o rio? Seguimos a do centro. Por ella andamos, e tudo foi se complicando aos poucos, que tivemos de voltar.

Será a da esquerda?

Por ella subimos e andamos até ás 3 horas da tarde; o capim e agua-pé cerrou tanto, que tivemos de abandonar esta bocca. Pelas mattas—aguada enorme; não pudemos ainda almoçar, porque não se tem onde cosinhar. Será a bocca da direita? Vamos verificar, mas como estamos receiosos de não achar firme, voltamos para o pouso passado, deixando para proseguir amanhã na exploração.

## DIA 11

O nosso pouso foi no mesmo lugar de hontem—pouso do Carregador—porque as formigas nos furaram as roupas e saccos de mantimentos. Cedo seguimos viagem, e á toda pressa, para se ganhar hoje o que hontem se perdeu com o regresso de 34 voltas. E o rio vai largo e fundo. Abundam as baunilhas nos troncos dos boritys. São 9 horas da manhã; tudo continúa bem; precisa de pequena limpeza. Ao meio dia vai se tornando feio o rio ; muito capim e agua-pés. Os boritys estão cerrados pelas margens. Agua

por toda a matta. A's 5 horas fizemos pouso sobre medonho brejo ; só agora vamos nos alimentar. Do almoço não se tratou. Vamos levando vida de sapos. Noite e dia mettidos n'agua. Enormes jacarés nos olham com modos ameaçadores. Já investiram sobre nós, mas sem resultado.

DIA 12

Hontem luctamos com as maiores difficuldades; o rio desde o meio dia foi-se tornando feio, isto é, estreito, obstruido, e muito sinuoso. Tem-se subido em altos arvoredos para se reconhecer o local em que estamos e tudo tem sido baldado; borytisal e agua de lado a lado e por grande extensão. Hoje o rio vae melhorando consideravelmente; está largo; tem de 15 a 25 metros.

Das duas horas da tarde em diante foi outra vez se estreitando, e ás 4 horas acreditamos ter deixado para a esquerda o verdadeiro canal. Estamos assim a moda de carangueijos. Voltamos; vamos procurar o rio. A's 6 horas sahimos no rio, que está lindo—isto é, bem largo, profundo e completamente limpo. Logo adiante appareceu terra firme; matta alta de uacorisal, e portanto muita alegria para quem tem estado dormindo em charcos. Por ser o dia de S. Cypriano, os tripolantes baptisaram o logar do pouso com o nome do santo do dia.

DIA 13

Ao raiar o dia sahimos com alguns companheiros, de armas ao hombro, a correr as mattas, onde parecia haver poaia. Encontramos, é verdade, porém muito escassa; ha signaes de ter ahi existido importante vivenda. Grandes esteios de aroeira, e pedras cangas de alicerces, e pedaços de telhas. Até o meio

dia temos feito boa viagem, e o rio tem estado excellente, dando franca navegação a qualquer vapor, nas condições dos que percorrem os rios Cuyabá e Paraguay. Na margem direita temos visto hoje constantemente terras firmes, o que nos tem causado verdadeira satisfação, porque já estavamos receiosos de tornarmos amphibios com a vida que temos tido nestes pantanos. A's 2 horas paramos para almoçar á margem esquerda do rio—no primeiro firme que encontramos desse lado, depois que deixamos, no primeiro dia de viagem, a Fazendinha. Nesse alto de almoço o rio tem barranco alto; as mattas são bonitas. O logar ficou conhecido por Barranquinho. Depois do almoço seguimos viagem ás 3 1|2. O rio vae bonito e completamente navegavel. As mattas firmes. proprias para cultura, abundam a margem direita, porém ainda alternadas com brejos, onde predominam boritys. Apparecem os caetesaes cerrados; o capim já não ha. A's 5 hóras da tarde atira-se sobre uma anhumã, e quando a montaria della se approxima para recolhel-a, eis que surge do caetesal atrevida onça pintada que vem disputar a presa chegando rapidamente á prôa da canoa, a dois metros de distancia. Braziliano Furtado é o nome do esperto caçador que tendo matado a anhumã, não deixou que a onça a levasse, dando-lhe incontinente um tiro de chumbo, que infelizmente não a matou, espantando-a sómente; mas elle está certo que a onça se sepultará nos brejos. A's 6 1|2 faziamos pouso, á margem direita do rio.

## DIA 14

Este pouso ficou conhecido pelo pouso de Anhumã. Do pouso do Carregador até aqui contamos 340 voltas do rio. O rio corre largo e desobstruido. Estamos avistando na nossa frente um morro que nos pa-

rece ponta do morro da matta grande da margem direita do Guaporé. A's 11 horas deixamos o morro á nossa esquerda; e á direita fica outro morro pequeno, na mesma direcção. Se abriram apenas para dar passagem ao rio. Tem direcção de Norte a Sul mais ou menos. Este ultimo morro fica no meio de larguissimo pantanal. O pantanal, porém, parece imprestavel por ser muito baixo. Os boritys vão desapparecendo; o rio vae tambem ficando menos fundo. Já se encontrou hoje profundidade de 2 metros. O rio já tem longos estirões. Nas margens firmes vão apparecendo as grandes figueiras. Tudo está se mudando; vão-se acabar os pantanos. Vamos ficando bem animados. A's 5 horas da tarde fizemos pouso em terreno firme.

DIA 15

Hontem jantamos peixe. No pouso matou-se quantidade enorme de piranhas, novidade para nós desde que sahimos de Matto-Grosso. O pouso ficou conhecido por pouso das piranhas. Continúa a diminuir a profundidade do rio. Os pantanos vão desapparecendo. O rio largo e limpo. Corre mais. As aguas das cheias já crescem mais sobre as minimas. Nos arvoredos das margens, a altura é de 0,$^{m}$80 a 1,$^{m}$00. Estamos perto da passagem do rio, onde existio a antiga ponte. Todos estão alegres. O rio não tem uma cachoeira até aqui; está largo e fundo e assim cremos que viajaremos todo dia. A's 10 1|2 horas chegamos na passagem tão desejada; tendo feito do pouso da Anhumã até aqui 140 voltas. Continuamos a subir; o Guaporé vae correndo sem cachoeiras. Ao meio dia voltamos, e viemos almoçar na passagem, porque tinhamos terminado a nossa tarefa, que a muitos parecia impossivel. O rio é navegavel da cidade até aqui; precisa, porém, limpal-o, e limpal-o bem. Almoçamos

peixe, descansamos e agora vae principiar o regresso da longa e penosa jornada. O Sr. Bellarmino Alves da Cunha, que tem sido o nosso piloto, já no Jaurú e já no Guaporé, e que está acostumado a fazer a travessia das cachoeiras do Madeira, não deixa a tripolação desanimar, e mandando á direita, á esquerda, rema forte, vae fazendo vôar o batelão, que leva marcha das melhores lanchas á vapor. Vae-se, pois, correndo. As montarias vão se apurando para poder acompanhar o batelão. A's 6 horas estamos de pouso no pouso das Anhumãs.

DIA 16

A's 7 1|2 horas da manhã passavamos pelo Barranquinho; estamos viajando em explendidos trechos do rio—limpos, largos e fundos. Muitos patos vôam na nossa frente, e já temos dous para o almoço. A's 11 chegamos a S. Cypriano e ahi fizemos alto de almoço. A's 2 horas da tarde continuamos a descer; o batelão vae correndo, porque pretendemos alcançar hoje pouso de terra firme, para não supportar mais charcos, Queremos ir ao pouso do Carregador, que está muito longe. Estamos viajando debaixo de forte aguaceiro. O céo completamente nublado. São cinco horas, e nos informam que o pouso está ainda bem longe de nós; entretanto vae já escurecendo. Continúa a anoitecer.

DIA 17

Verdadeira temeridade. Corremos hontem o maior perigo. A noite nos sorprehendeo em viagem. Viajava-se sem se enxergar cousa alguma. Tudo era trévas. O nosso piloto, Sr. Bellarmino, ás 8 horas, fôra tirado do seu posto pelos arvoredos; gritos de soccorro partiram de todos os lados, e quando as montarias, que iam adiante, chegavam para soccorrel-o, eis que elle apparece e sobe no batelão, sem haver soffrido senão

o susto. Um jacaré já tinha feito investida ao anoitecer contra o piloto de uma montaria. O batelão ia batendo pelos páos, com risco de se afundar a todo o momento. Parecia loucura essa viagem; mas era preciso ganhar terra firme. A's 10 horas da noite, completamente molhados, assustados pelo que haviamos passado, chegamos ao pouso do Carregador, tão despejado. Todos consideraram loucura o que tinhamos feito, mas estavamos satisfeitos porque não iamos dormir em charcos. A chuva durou toda noite; essa chuva que nos castigou desde hontem cedo. Almoçamos, seccamos a bagagem, e só ás duas horas da tarde seguimos viagem. Pousamos á margem direita, em terra firme.

DIA 18

O rio vae agora procurando aceleradamente o rumo do Norte. A's 9 horas estamos á barra do rio Alegre. Sua largura ahi 8 metros. Profundidade maior $1,^{m}5$. Está cheio de páos. Não corre. Si não fosse a differença das aguas dir-se-ia uma bahia do Guaporé, Subimos 26 voltas do rio, e em alguns lugares arrastamos a montaria. A's vezes é largo e tem mattas ãs margens. Praia de lado a lado. O seu maior affluente —o rio dos Barbados, em cuja margem direita está a fazenda nacional de Casalvasco, tem agora mais aguas do que elle. Ahi em Casalvasco e Barbados tem perto de 80 metros de largura, e é fundo. O mesmo que dissemos em relação ao Aguapehy se applica ao Alegre. Este tem mais aguas que aquelle.

A's 4 horas da tarde chegamos a Matto-Grosso, e o povo nos recebeu com enthusiasmo, salvando ao nosso desembarque. Tinhamos feito a exploração do alto Guaporé.

S. Luiz de Caceres, 10 de Dezembro de 1898.

*Manoel Esperidião da Costa Marques.*

QUADROS comparativos das distancias da cidade de Matto-Grosso a S. Luiz de Caceres, passando pelo territorio boliviano, ou pelo territorio matto grossense.

## PELA BOLIVIA

| Nomes das localidades | Distancias em kilometros | |
|---|---|---|
| | PARCIAES | CUMULADAS |
| Cidade de Matto-Grosso | 0 | 0 |
| Bastos | 12 | 12 |
| Passagem do rio Alegre | 30 | 42 |
| Casalvasco | 12 | 54 |
| Rio Barbados | 12 | 66 |
| S. Luiz | 18 | 84 |
| Salinas | 24 | 108 |
| Encruzilhada (Bolivia) | 48,5 | 156,5 |
| Guave (Bolivia) | 48 | 204,5 |
| S. João | 24 | 228,5 |
| Ascencion (Bolivia) | 42,6 | 271,1 |
| Petas (Bolivia) | 48 | 319,1 |
| S. Rita | 24 | 343,1 |
| Piedade | 60 | 403,1 |
| Uauassú | 24,5 | 427,6 |
| Fumaça | 36 | 463,6 |
| Cacimba | 30 | 493 6 |
| Páo secco | 12 | 505.6 |
| Pirisal | 12 | 517,6 |
| Caissara | 18 | 535,6 |
| S. Luiz de Caceres | 12 | 547,6 |

## POR MATTO-GROSSO

| Nomes das localidades | Distancias em kilometros | |
|---|---|---|
| | PARCIAES | CUMULADAS |
| Cidade de Matto-Grosso........ | 0 | 0 |
| Pary.......................... | 8,6 | 8,6 |
| Bority........................ | 32 | 40,6 |
| Borda da matta................ | 10,8 | 51,4 |
| Rio Guaporé................... | 25 | 76,4 |
| Lavrinhas..................... | 16,8 | 93,2 |
| Páo da Tolda.................. | 14,8 | 108,0 |
| Estiva........................ | 12,6 | 120,6 |
| Corrego dos Bagres............ | 13,6 | 134,2 |
| Santissimo.................... | 35,4 | 169,6 |
| Registro...................... | 27,6 | 197,2 |
| Vacca-morta................... | 42 | 239,2 |
| Cacimba....................... | 42 | 281,2 |
| Páo secco..................... | 12 | 293,2 |
| Caissara...................... | 18 | 311,2 |
| S. Luiz de Caceres............ | 12 | 323,2 |

A differença entre as duas distancias é pois enorme; é claro portanto que, além de outros inconvenientes que já apontamos, deve ser abandonada a estrada pela Bolivia, e aproveitada a projectada estrada de rodagem dos Srs. Maciel & C., que será completada pelos poderes publicos com a abertura da secção que se estende do Guaporé á cidade, a qual já está por nós estudada.